

ILUSTRAÇÃO



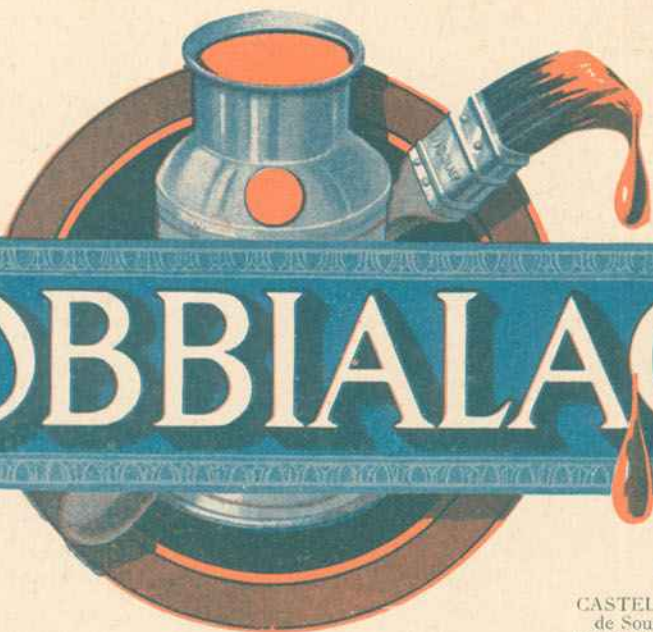
1.º ANO — Número 12

Lisboa, 16 de Junho de 1926

PREÇO 4\$00

A revista portuguesa de maior tiragem e expansão

É
 DIFÍCIL
 RISCAR
 O



ROBBIALAC

DEPOSITARIOS:

LISBOA — J. G. Rugeroni — 67, Rocio.
 PORTO — Auto Omnia Ltd. — 23, Praça da Liberdade.
 COIMBRA — Canto Ltd. — 9, Praça da Republica.
 MADEIRA — H. P. Miles & C.º — Funchal.
 ABRANTES — Jorge Marçal.
 BEJA — Tulio Ritta Ferro Suc.

AGENTES GERAIS: **H. MITCHELL, LTD.**

26, Travessa da Ribeira Nova, 1.º — LISBOA

DEPOSITARIOS:

CASTELO BRANCO — Silvio Alves de Souza.
 FORNOS D'ALGODRES — Viuva de José Lopes Lagarto.
 LEIRIA — J. P. de Matos.
 TORRES VEDRAS — José Barreto Garcia.
 VIZEU — A. Lopes Ferreira Ltd.

THE EASTERN TELEGRAPH COMPANY, LIMITED.



RECEIVED TELEGRAM
PLEASE SEND ANY REPLY TO THIS
TELEGRAM *Via Eastern*



UA 274 MANILA 42 27 ow

Aureool LN

Handwritten notes and stamps: "1st", "11700", and a circular stamp with "11700" inside.

The East Line of the Telegraph...
 Number of Messages...
 Rate of Telegrams...
 Rate of Money...
 Rate of Cable...
 Rate of Post...
 Rate of Air...
 Rate of Sea...
 Rate of Land...
 Rate of Water...
 Rate of Fire...
 Rate of Earth...
 Rate of Air...
 Rate of Sea...
 Rate of Land...
 Rate of Water...
 Rate of Fire...
 Rate of Earth...

UA 274 MANILA 42 27 OW
AUREOOL LN
ARRIVED MANILA FROM MADRID SAFELY COMPLETING
27800 KILOMETRES AND WISH CONGRATULATE YOU
UPON SUPERIOR QUALITY OF SHELL PETROL AND
OIL WHICH NEVER FAILED UNDER MOST DIFFICULT
CONDITIONS AND UPON EFFICIENCY OF ORGANIZATION
SUPPLIED US ALL ALONG THE ROUTE
LORIGA GALLARZA

Chegamos a Manila, vindos de Madrid completando com exito 17.800 quilómetros e felicitamo-os pela superior qualidade da gazolina e oleo "SHELL" que satisfizeram em absoluto sob as mais dificeis condições e pela excelente organização de abastecimentos ao longo de todo o percurso.

LORIGA GALLARZA

Gazolinas ha muitas!

SHELL

SÓ HA UMA!!

Por isso ela se impõe a todos que preferem a QUALIDADE

THE LISBON COAL & OIL FUEL CO. LTD.

Rua do Crucifixo, 49 — LISBOA
PÓRTO, FIGUEIRA DA FOZ, VIANA DO CASTELO, FARO



A marca da elegancia

ESPARTILHOS MODERNOS «POMPADOUR»

A marca do Espartilho e Cinta elegante e higiênico, obedecendo ao rigor da moda actual e às prescrições da sciência.

É a unica que forma e conserva o porte airoso e gracil do busto, a linha esguia e flexuosa da Moda, o aprumo e distincção de todo o corpo.

ARTE, PERFEIÇÃO E LUXO — Execução primorosa

CASAS DE VENDA

LISBOA

A POMPADOUR

28, Chiado, 3o

Telef.: C. 210

PORTO

ARMAZENS DA CAPELA

70, R. Carmelitas, 76

Telef.: 1885



Automoveis TH. SCHNEIDER

Os carros que todos devem preferir.
Sobre chassis de

10/12, 10 e 7 cv.

todos encontram segundo a applicação a dar-lhe, aquele que melhor lhe convem.

CARROS SOLIDOS, CONFORTAVEIS,
ECONOMICOS E BEM DELINEADOS

Preços módicos, atendendo á categoria da sua marca

EM EXPOSIÇÃO NO NOSSO STAND

RUA BRAAMCAMP, 12-A A 12-B

Agentes exclusivos para Portugal e Colonias :

H. QUEIROZ, L.^{DA} (Engenheiros)

Tel. N. 3655

LISBOA

Tel. Schneider



O "ENO" faz desaparecer o mau humor.

A melancolia e o mau humôr provêm muitas vezes de perturbações gástricas e prisão de ventre. Como preventivo deve-se tomar diariamente ENO'S "Fruit Salt", o verdadeiro "Sal de Fructa" que, ha mais de 50 anos, tem obtido a melhor reputação em todo o mundo. Da sua composição fazem parte, numa forma concentrada, as principaes propriedades beneficas da fructa. Laxativo muito suave, o Sal de Fructa "ENO" dá ás pessoas um aspecto desanuviado e saudavel, sem o que não se pode sentir a verdadeira alegria de viver.

As palavras "Fruit Salt", "Sal de Fructa", e "Eno" assim como o rotulo, são marcas da fabrica registadas.

Uma colher das de café, num copo d'água, de manhã e á noite.

"SAL DE FRUCTA" **ENO'S** "FRUIT SALT"

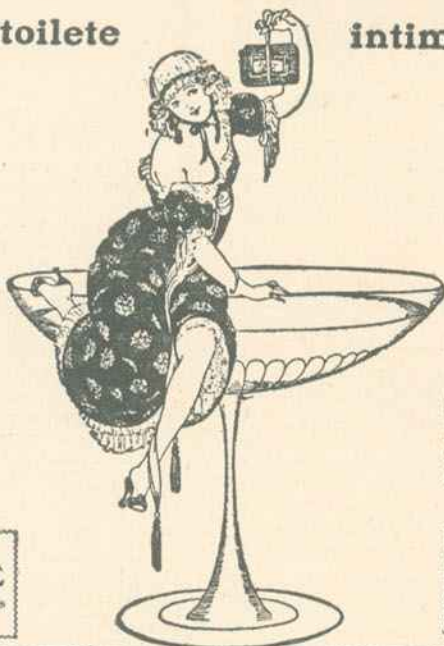
Depositarios em Portugal :

Robinson, Bardsley & Co. Ltd., 8, Caes do Sodré, Lisboa.

GYRALDOSE

para a toilette

intima da mulher



A GYRALDOSE

é um producto antiséptico não caustico, desorisante e microbiciida, a base de pyolisan, de acido thymico de trioxymetilena e de alumina sulfatada. Toda a mulher cuidalosa na sua hygiene deve usa-lade manhá e á noite

Comunicado :
Acad. de Méd. 14 Outubro 1912.

Établissement Chatelata,
9 *Grandes Premios*
2 et 2 bis, rue de Valenciennes, Paris
À venda em todas as Farmacias.

SABÃO ANTISEPTICO
à base de GYRALDOSE
Indispensavel para a toilette intima das doencas da pele do couro cabeludo.

A GYRALDOSE

cuja reputação mundial aumenta todos los dias, não tem, devemos concordar neste ponto rival em tudo quanto no genero existe e até aqui foi aconselhado, é com efeito impossivel encontrar uma associação ao mesmo tempo tão completa e tão judiciosa de tudo o que era tão necessario.

Dr. DAGUE,
da Faculdade de Medicina de Bordeaux, França.

OVULOS
à base de GYRALDOSE
Descongestionantes e antisépticos, preventivos e assegurando a cura das doencas das senhoras.

A. VINCENT, L^{DA} CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL E COLONIAS — RUA IVENS, 56 — TEL. 1858 C.



OS PÉS ENLUVADOS

As peugas americanas INTERWOVEN aliam a uma solidez extraordinária a maior tenuidade e elegancia.

As biqueiras e os calcanhares são fabricados com tricot especial, entretecido, cujas malhas perfeitamente fechadas não alargam nem cedem.

Os sitios onde o pé força estando assim protegidos, o corpo da peuga póde ser fino e transparente.

Os vossos pés ficarão elegante e sólidamente calçados e a vossa esposa ou criada não terão a perder um tempo precioso em concertos, adoptando V. Ex.^a hoje mesmo a

PEUGA AMERICANA INTERWOVEN

Em ALGODÃO, LÁ ou SEDA, preço segundo a qualidade

Desconfiai das emitações.

As nossas peugas teem uma etiqueta de garantia com o nome INTERWOVEN.

À venda em tôdas as boas camisarias.

AGENTES PARA REVENDA

A. VINCENT, LTD.^A Rua Ivens, 56, 2.^o — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA EMPRESA
DO ANUÁRIO COMERCIAL

P. dos Restauradores, 21—Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.^{DA}

R. Anchieta, 25—Lisboa

• • •

• • • • •

• • •

DIRECTOR: JOÃO DA CUNHA DE EÇA

ANO 1.^o—NÚMERO 13

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

16 DE JUNHO DE 1926



(Cliché de Serra Ribeiro, expressamente feito para a Ilustração)

O SR. COMANDANTE JOSÉ MENDES CABEÇADAS JÚNIOR, QUE ASSUMIU A PRESIDÊNCIA DO MINISTÉRIO SAÍDO DO MOVIMENTO MILITAR TRIUNFANTE

CRÓNICA DA QUINZENA

O facto culminante a registar nesta crónica foi a insurreição militar de 28, em Braga, e rapidamente, em poucas horas, generalizada ao País inteiro. Não houve tiros, não houve violências físicas; a mal esboçada resistência das forças que obedeciam ao governo cessou às primeiras palavras trocadas. O Ministério pediu a demissão, que o Chefe do Estado lhe concedeu, nomeando logo, para o substituir, um governo de três ministros, distribuindo por eles dez pastas. Em menos de quarenta e oito horas o sr. Bernardino Machado retirava de Belem para a sua casa da Cruz Quebrada, fazendo renúncia do seu mandato.

Eicava assim completo o acto propriamente revolucionário, investido o Ministério na plenitude do Poder Executivo, e as portas do Congresso fechadas, não podendo ali reunir-se os parlamentares, se pretendessem fazê-lo, nos termos da Constituição.

Para que um acto revolucionário, tomando as palavras no seu alto e rigoroso significado, possa ter lugar, três condições são indispensáveis, e vêm a ser — uma razão suficiente que o determine, um ambiente que lhe seja favorável e gente audaciosa que o execute. Uma desordem é um acidente, um caso fortuito, meramente circunstancial; não tem preparo, não tem direcção, não tem finalidade. Daqui resulta que as desordens são frequentes, ao passo que os movimentos revolucionários, felizmente, são raros. E quando assim não sucede, quando os movimentos revolucionários se repetem com alguma frequência, é que a Sociedade ou o Estado sofre de qualquer complicação grave, um mal que se afirma por essas crises, e contra o qual só pode ser eficaz o que na ciência médica se chama terapêutica racional, isto é, o tratamento dirigido contra as causas e não contra os sintomas, que são os sinais por que a doença se revela.

Sublata causa tollitur effectus.

Não é difícil encontrar a razão suficiente da insurreição militar do dia 28, timidamente ensaiada em 18 de Abril do ano findo, podendo ainda considerar-se como seu antecedente cronológico o 19 de Julho, duma infantil simplicidade.

O Parlamento caíra no maior descrédito; voluntariamente abdicava no Poder Executivo a sua primacial função, dispensando-se de fiscalizar a execução das leis e inquirir da moralidade dos actos administrativos, que descera a um nível excepcionalmente baixo. Incompetente e servil, a chamada Representação Nacional era um Poder do Estado para que já ninguém olhava com respeito, tendo hã muito deixado de inspirar confiança. Ultimamente já nem sequer se palavrava na Câmara dos senhores deputados; gritava-se a romper as gueias; gesticulava-se sem o natural comedimento das pessoas delicadas, umas para com as outras atenciosas; escavacavam-se as carteiras, sem nenhum respeito pela propriedade do Estado.

Era a exaltação das paixões, o delírio duma multidão que vibra por excitações da medula, inibidas as potências cerebrais?

Não; aquela desordem era um espectáculo urdido fora da sala, muito reflectidamente, ensaiado com o maior rigor e dirigido com todas as cautelas. Corria-se o pano, isto é, encerrava-

se a sessão, e na própria arena os gladiadores riam e chalaceavam, velhos amigos e companheiros de esturdia, bons rapazes, no fim de contas, querendo todos a mesma coisa... o Poder, e querendo-o todos para o mesmo fim — o prestígio da República e o engrandecimento da Nação! Os problemas mais graves da administração pública mal prendiam a atenção dos legisladores, entretidos a discutir bagatelas, simulando combates sangretos armados com fucas de papel. Chegara-se ao extremo do Congresso, não votar o Orçamento Geral do Estado, caindo a República na prática dos duodécimos que tão largamente contribuiu para o descrédito e subsequente perda da Monarquia.

Legislado em seu benefício, os senhores parlamentares converteram o seu mandato num alvará de nomeação para um cargo público fartamente remunerado, cargo que é provido sem a exigência de habilitações, e que, mesmo não sendo exercido, rende uns doze contos por ano, além do *passé* em todos os caminhos de ferro.

A famosa questão dos tabacos, que tanto importa à economia da Nação e à finança do Estado, o Parlamento não a resolveu, deixando que automaticamente acabasse o regime de monopólio, sem ter adoptado outro que o substituísse. Nem sequer se apurou, pela discussão no Parlamento, qual a renda que o Estado pode tirar dos tabacos, segundo a fórmula adoptada da sua exploração industrial e comercial, e esse critério, mais que o do respeito a teorismos de lógica abstracta, deve prevalecer em assuntos desta natureza. Votadas ao mais criminoso abandono, as estradas são hoje uma riqueza perdida, sendo ao mesmo tempo um impedimento à criação de produtos ou valores que precisem ser transportados para onde tenham consumo. O Parlamento, o que estava e os que estiveram, não se ocupou deste magno problema, atacando-o com ânimo de o resolver, tornando-se assim ineficazes todos os esforços que se empenhem para que se crie e desenvolva no País a indústria do Turismo.

Por desmazêlo, por incuria, o Parlamento deixou que se fizesse uma greve académica, extensiva a todas as Escolas, sendo já agora fatal a perda do ano para os alunos dos Institutos Técnicos, a menos que uma vilesa se pratique, que ainda mais rebaixe a craveira já muito baixa do Ensino.

O nível intelectual do Parlamento tem vindo a baixar desde a Constituinte, e quem a este respeito tiver dúvidas, facilmente as tira, folheando o Diário das Sessões. A eloquência parlamentar, na vigência da República, nunca foi coisa que fizesse pensar em Cícero ou Demosthenes, a não ser numa associação por contraste; que fizesse pensar, sequer ao menos, nos vultos parlamentares do período áureo do nosso constitucionalismo. Mas nos primeiros tempos do regime ela ainda era composta, senão elegante pelo menos correcta, respeitadora da gramática, com algumas preocupações de estilo. De resto havia nas discussões uma certa ordem, observava-se nos trabalhos parlamentares um certo método, a dentro dos grupos parlamentares não faltava por completo a disciplina. Pouco a pouco, mas progressivamente, o Parlamento foi caindo, foi-se degradando, umas vezes impedindo a acção regular do Poder Executivo, outras vezes abdicando nêsse Poder, com uma docilidade de es-

cravo, as suas mais importantes faculdades e atribuições. As leis foram sendo de cada vez piores: a administração pública de cada vez menos rigorosamente fiscalizada; os discursos proferidos em S. Bento, mesmo barbeados e tosquiados para aparecerem no Diário das Câmaras, foram sendo de cada vez mais pobres de ideias, de cada vez mais faltos de elevação, de cada vez mais atentatórios da gramática e do bom senso, alguns valendo como modelos de eloquência bestialógica, como se diz no Brasil. O País, tendo começado por olhar para o Parlamento com muita curiosidade e alguma confiança, passou a vê-lo com desdém, acabando por lhe voltar as costas com desprezo.

Não caíra em menor descrédito o Poder Executivo, elevados à categoria de ministros homens reconhecidamente incompetentes, nem preparados nem susceptíveis de preparação, na generalidade dos casos, para o exercício da função que lhes era cometida. As pastas eram sorteadas, o que não tinha inconvenientes de maior, porque ao homem incompetente para gerir qualquer delas, pode-se-lhe entregar uma ou outra, ao acaso ou por capricho, porque elle será sempre o homem incompetente no lugar que lhe não compete.

Os governos, em Regime representativo, são o reflexo do Parlamento, e o desprestígio do Parlamento, instituição característica e substancial do Regime, constitui para elle um verdadeiro perigo. Governos incompetentes raramente deixam de ser corruptos, fenómeno que a psicologia facilmente explica, dadas as conexões entre a Inteligência e a Moral.

Com tais Paramentos e tais Governos era fatal o descalabro da nossa Administração, considerada nos seus diversos departamentos, e porque se afigurava impossível, dentro do que se convencionou chamar a normalidade, prover de remédio tão grandes males, passou o descontentamento a tomar a forma de protesto, entraram as queixas tímidas a revestir o carácter de reclamações violentas; as consciências individuais, as mais puras ou menos contaminadas, via-se bem que procuravam a expressão colectiva dum protesto que impedisse o passado de contaminar o futuro — *venha o que vier, seja como for, isto não pode continuar.*

Estava criado o ambiente revolucionário. Pessoas audaciosas para fazerem uma revolução ainda não faltaram em Portugal, de 1910 para cá dentro e fora dos quartéis.

Soltou-se em Braga, terra de tradições mais eclesiásticas que mavórticas, o grito da insurreição, e dentro em pouco os militares fraternizavam.

E agora?

Dizia o outro — Que Deus salve a Polónia.

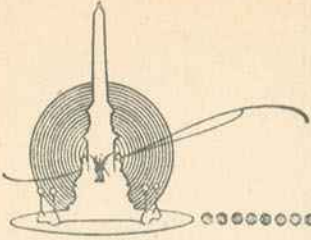
Diremos nós — Que Deus salve Portugal.

BRITO CAMACHO.

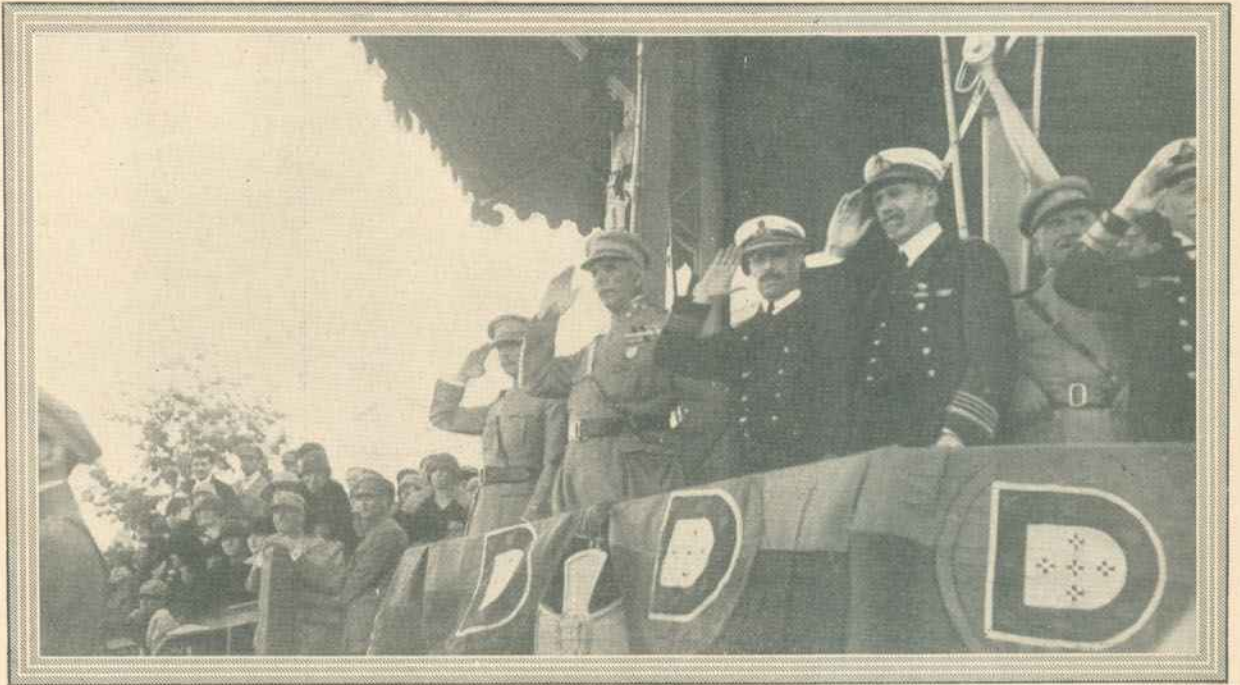
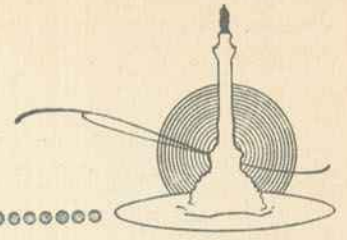
O QUADRO DE COLUMBANO

Honra-se, pela segunda vez, a nossa revista, reproduzindo uma obra de Mestre Columbano, No Santo António de Lisboa o pincel do insigne artista soube maravilhosamente evocar esse magno vulto do agiologia português, tão grande na fé como na oratória e na ciência, imprimindo-lhe um carácter que muito o distancia de o que lhe atribuíram Murillo e outros pintores. O Santo António de Columbano é que é bem nosso e digno do culto da cidade que se orgulha de lhe ter sido berço.

A Ilustração somente publica os originais solicitados.



LISBOA



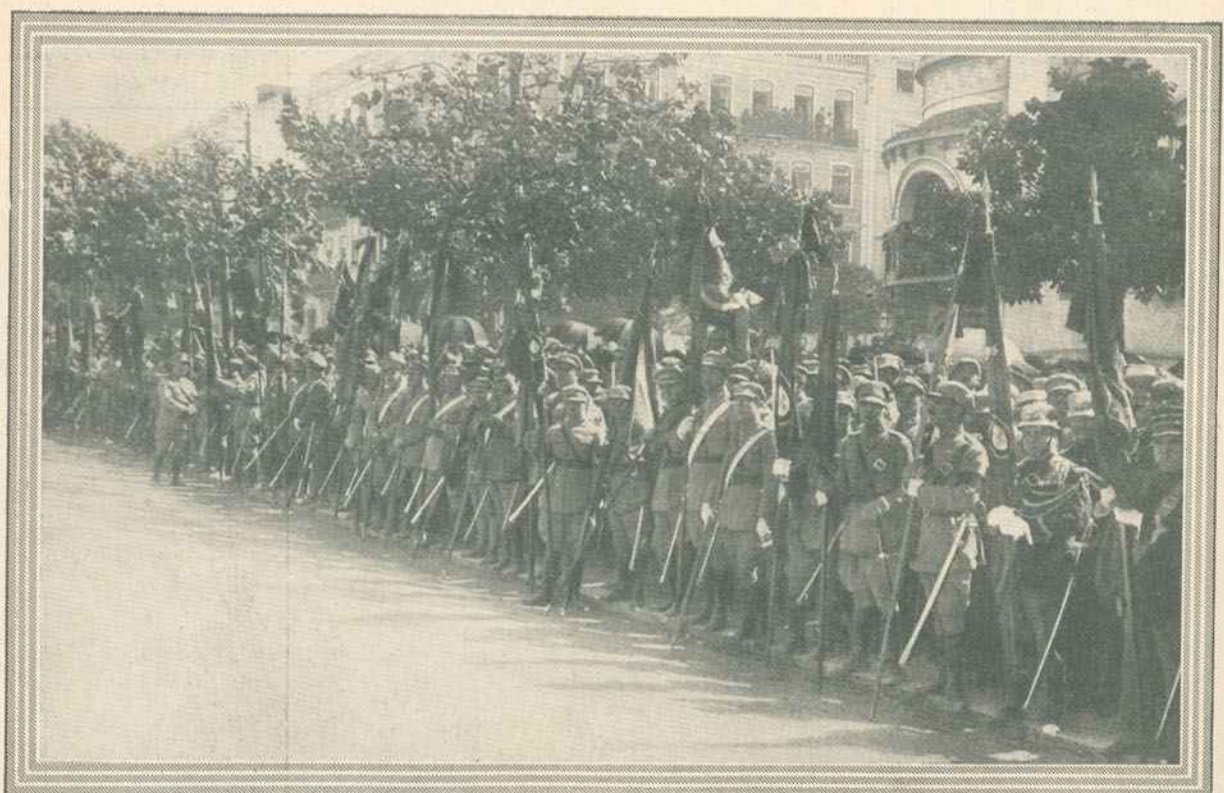
A grande parada militar de domingo, 6 do corrente: os srs. general Gomes da Costa, comandante Mendes Cabeças e mais entidades dirigentes do movimento revolucionário, fazendo continência à bandeira duma unidade que passava em frente do pavilhão em que elles assistiram ao desfile das tropas



O contingente da marinha, que com tanto brilho se apresentou na parada, ao desfilar perante a tribuna governativa



O sr. general Gomes da Costa à frente das tropas com que entrou em Lisboa: a continência ao Corpo Diplomático, que, na quasi totalidade dos seus membros, assistia da tribuna à parada das forças revolucionárias.



As delegações das unidades militares que cooperaram no movimento e que não puderam incorporar-se na parada: as suas bandeiras formadas à direita do pavilhão

(Clichés de Serra Ribeiro)



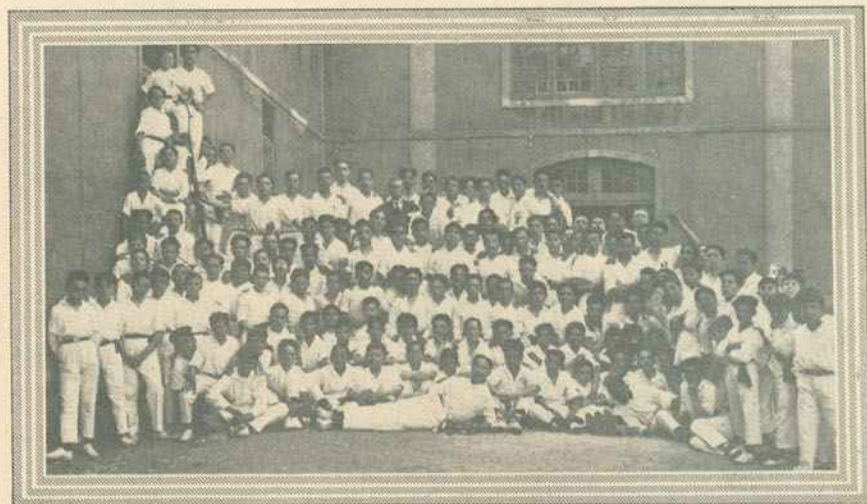
Na Embaixada de Inglaterra. — O sr. Embaixador entre um grupo de pessoas que o foram cumprimentar no dia do aniversário do seu soberano, o Rei Jorge V



O casamento da sr.^a D. Noêmia Rodrigues Nunes com o sr. José Penha Soleiro: os noivos rodeados dos convivas do copo de água que se seguiu à cerimónia



O consórcio da sr.^a D. Lúcia de Sousa da Fonseca Lopes Vieira com o sr. Jr. Luis C. Leite da Silva



O grupo de alunos da Escola Académica que há dias efectuaram uma brilhante demonstração da proficiente maneira como neste modelar estabelecimento de ensino se cuida da educação física da mocidade que lhe é confiada



O sr. dr. Elias de Aguiar, ilustre regente do Orfeão Académico de Coimbra, que Lisboa teve recentemente ocasião de ouvir e aplaudir numa brilhante série de concertos



O notável pintor sr. José Veloso Saigado, a quem os seus discípulos prestaram há dias uma justíssima homenagem (medalhão em bronze feito por Simões de Almeida, Sobrinho)



Os estudantes que compõem o Orfeão Académico de Coimbra



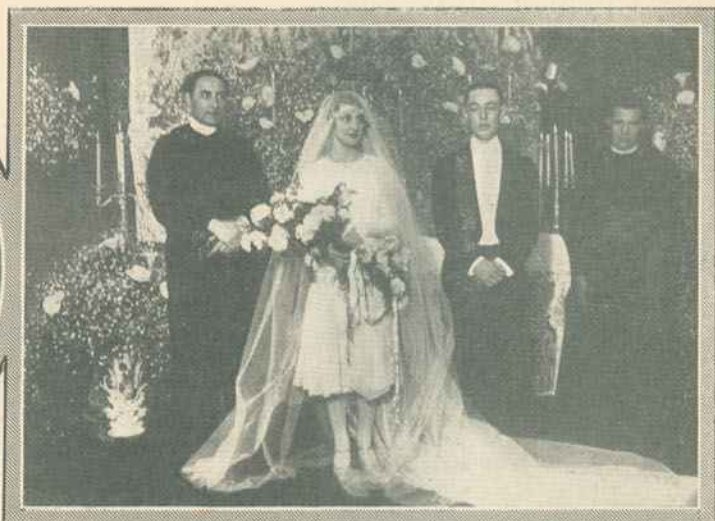
O sr. Marquês de Carisbrooke, irmão de S. M. a Rainha de Espanha, e sua esposa, que, de passagem para o país vizinho, foram hóspedes do sr. Embaixador da Inglaterra: grupo tirado no jardim da Legação de Espanha — (Cliché Benoliel)

Um aspecto da animada *verbená* que foi levada a efeito nos jardins da Legação de Espanha: muita graça feminina, muita luz, muitas flores e muito *salero*, principalmente

S O C I E D A D E E L E G A N T E



A sr.^a D. Judith Cao da Costa e o sr. dr. João Evangelista Calisto, distinto médico da Casa de Saúde de Benfica, cujo consorcio se realizou recentemente.



Casamento da sr.^a D. Maria José Lobo da Silveira (Alvito), filha da sr.^a D. Joana Alves de Carvalho Lobo da Silveira e do sr. D. Manuel Lobo da Silveira (Alvito) com o sr. Carlos Eduardo Bleck; os noivos acompanhados do rev. dr. Fernandes de Castro que procedeu à cerimónia.

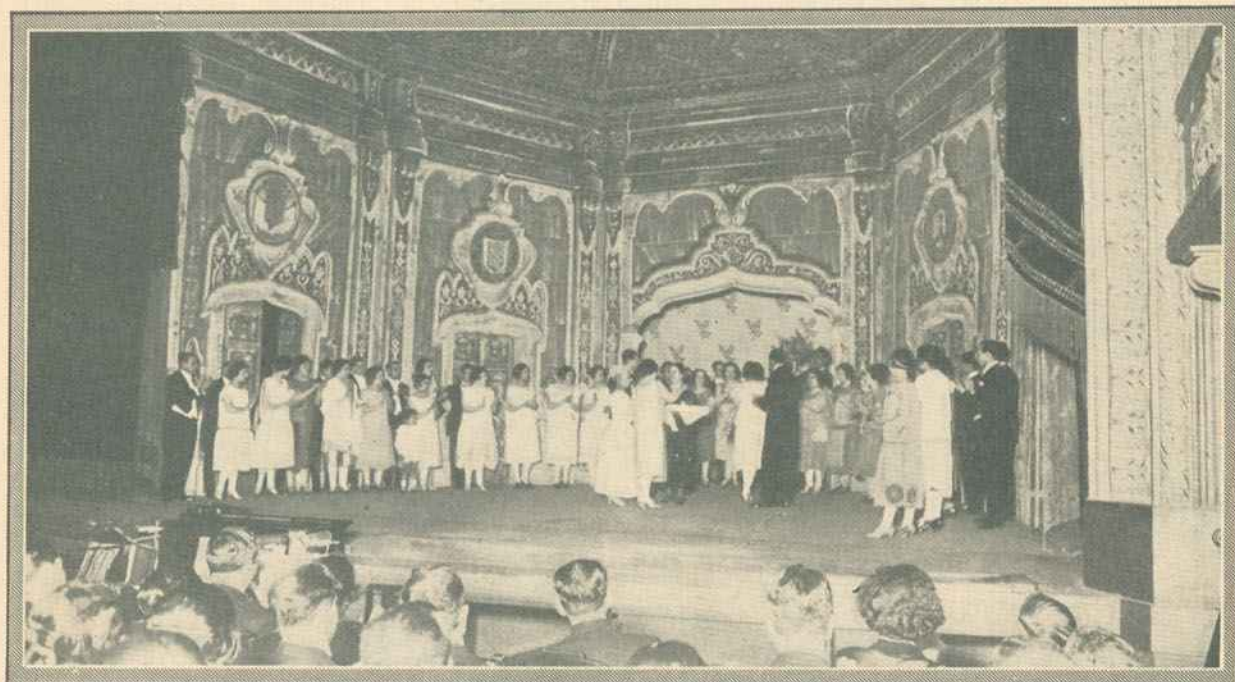


O casamento da sr.^a D. Otília Waimou Bram da Silveira Duarte, filha da sr.^a D. Maria da Conceição Waimou Duarte e do sr. major José Machado Duarte, com o sr. T'omam-T'son Wang, distinto secretário da legação da China em Lisboa: os noivos entre um numeroso grupo de convidados.

Um interessante grupo de assistentes à repênsa realizada no Asilo de D. Pedro V, ao Campo Grande.



Grupo de amadores que tomaram parte na encantadora festa de caridade promovida por senhoras da nossa primeira sociedade, realizada no teatro de S. Luis no dia 5 do corrente mês e em que foi representada a engraçadíssima arzuola *El Chico de las Peñuelas*.



Um aspecto da festa, de elevado nível artístico, efectuada na sala do S. João e em que, coincidindo com a celebração das bodas de prata do labor pedagógico da ilustre professora sr.ª D. Albertina Castagnoli de Brito, se apresentaram os seus alunos mais adiantados.



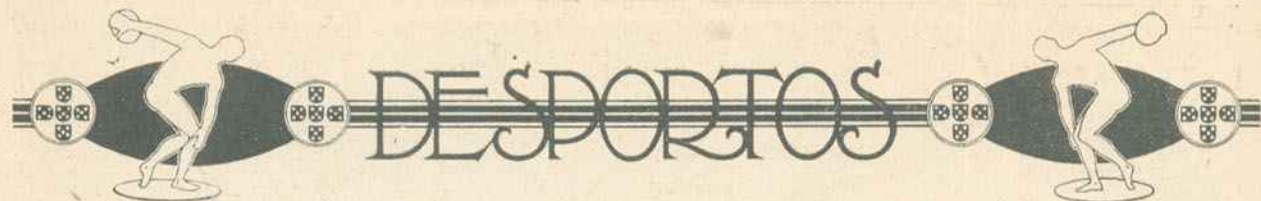
Os cooperadores do saraú rodeando a consideradíssima mestra do bel canto



Outros aspectos da mesma encantadora festa. — À esquerda e à direita, respectivamente: a sr.^a D. Juliette de Prito e o sr. Deifim Alves Coimbra, intérpretes da ópera *Noema*. Ao centro: o 2.^o quadro do 3.^o acto da *Manon*, de Massenet, que foi cantado pela ar.^a D. Maria Amélia Capertino de Miranda e pelos srs. David Alves Coimbra e Américo Vasco Leão



O distinto grupo de artistas dramáticos portugueses que, sob a denominação dos *Modestos*, tanto tem contribuído, realizando interessantes réclitas, para prover de recursos diversas instituições de caridade, como asilos, hospitais, etc. Sendo as suas figuras principais o sr. Joaquim Soares Corrêa e esposa, a fotografia representa a maioria dos componentes do seu corpo scenico



FOOT-BALL

O 1.º ENCONTRO LISBOA-MADRID

Realizou-se no dia 13, no Estádio, o primeiro encontro entre as equipas de Lisboa e Madrid.

O grupo representativo da Capital obteve uma magnífica vitória marcando 2 goals contra 0.

A assistência, que era muito numerosa, presenciou um desafio jogado com correcção e

seus melhores elementos, tendo-se esta falta notado sobretudo no guarda-rédes e avançado centro, lugares que deviam ser ocupados por Martinez e Monjardin, dois verdadeiros «azes» do foot-ball espanhol.

Não quer isto dizer que, a vitória do foot-ball lisboeta não fôsse merecida pois que o dominio pertenceu a Lisboa em quasi todo o desafio, tendo perdido umas 2 ou 3 oportunidades para marcar.

portou bem durante o desafio, mas após este mostrou mais uma vez as suas qualidades bairristas tendo dirigido aos jogadores da capital as frases delicadas do costume.

ESGRIMA

TACA DANIEL DE OLIVEIRA

Disputou-se há dias a Taça «Daniel de Oliveira» que foi ganha este ano pela equipe do Centro Nacional de Esgrima.

A vitória pertenceu à equipe mais bem constituida, que ganhou bem. Pena é que havendo em Lisboa outros esgrimistas de valor, sobretudo da Sala Carlos Gonçalves, não tenham podido comparecer a esta prova, tornando assim a luta mais equilibrada e por isso muito mais interessante.

A final que foi disputada entre a equipe vencedora e a equipe da Sala de Armas Carlos Gonçalves, não deu lugar a bons assaltos como nos anos anteriores, em que a luta esteve sempre indecisa até ao fim.



Um perigoso ataque às rédes defendidas por Vidal, guarda-rédes da equipe de Madrid

grande entusiasmo e que se pode classificar de bom, sobretudo depois do desastre das cores portuguesas em Toulouse.

A escolha de alguns elementos novos, foi acertada e deu alma e alento à linha de avançados que, ainda que fôsse como é costume a linha mais fraca do «team», teve contudo algumas jogadas boas.

Devemos também frizar aqui a energia com que os nossos jogadores jogaram, o que já há muito não estavamos habituados a ver.

Isto vem confirmar o que já aqui escrevemos sobre o fisico dos nossos jogadores que, em geral deixa muito a desejar.

No desafio de domingo a maioria dos nossos jogadores eram homens fortes e que conseguiram por isso uma boa vantagem na disputa da bola, entrando com decisão e energia, factor este que contribuiu muitissimo para a vitória.

Ao «team» de Madrid faltaram-lhe alguns dos

CAMPEONATO DE PORTUGAL

Realizou-se no Porto a final do Campeonato de Portugal, sendo adversários os campeões de Lisboa e do Funchal.

A vitória pertenceu ao Sport Club Marítimo, depois de um desafio que não chegou a terminar devido ao incidente provocado pelo capitão dos Belenenses, incidente que os jornais da especialidade já referiram e comentaram detalhadamente.

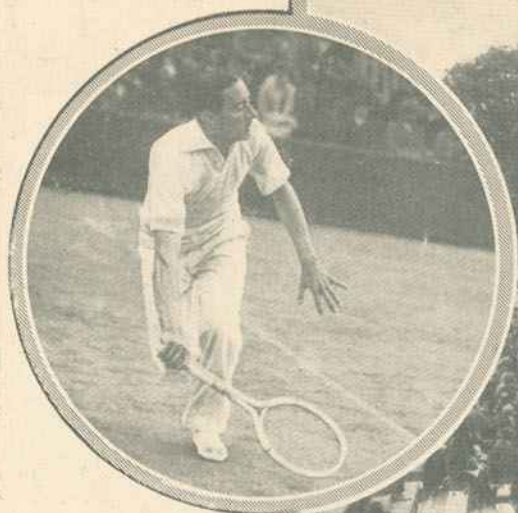
Quanto a nós, lastimamos que um desafio desta importância tenha tido um desfecho semelhante.

Não queremos atribuir a responsabilidade dos factos a ninguém em especial, mas achamos que incidentes desta ordem só contribuem para a queda do foot-ball em Portugal.

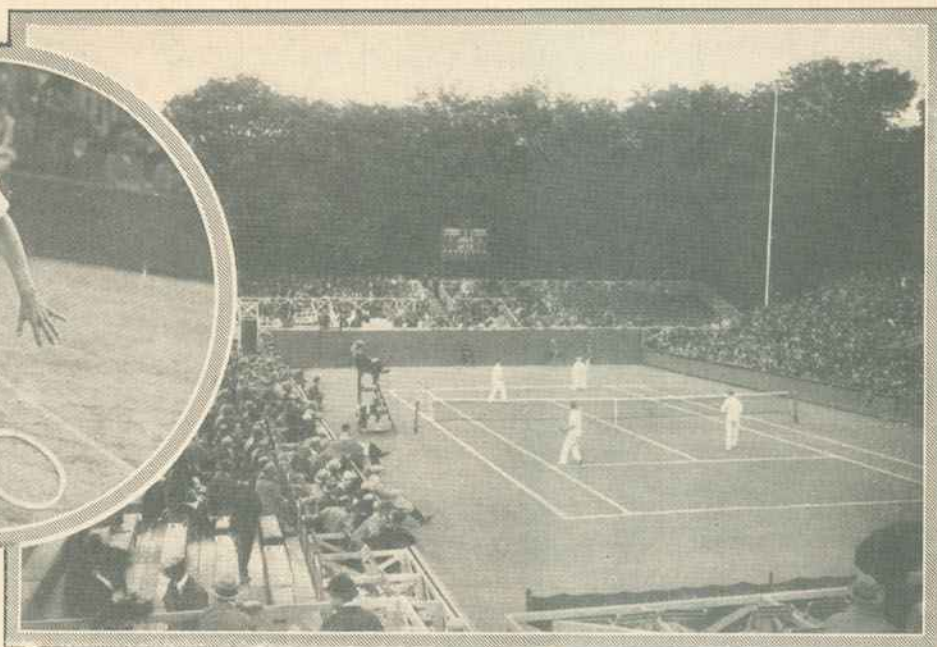
Andou mal a União Portuguesa de Foot-Ball, andaram mal o árbitro e Augusto Silva, personagens principais do incidente; só o público se



Outra fase interessante do jogo junto das rédes madrilenas



O jogador francês Feret, que bateu brilhantemente o campeão americano V. Richards



Um aspecto geral do match de Doubles, realizado entre Richards Kinsey e Lacoste Brugnon

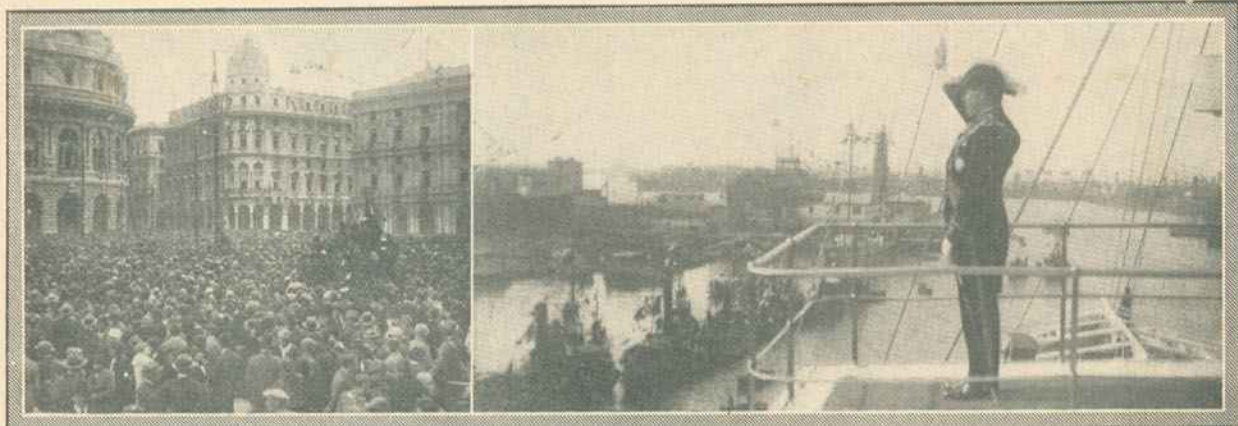


M.^{lle} Thion de la Chaume, vencedora do campeonato do mundo de golf

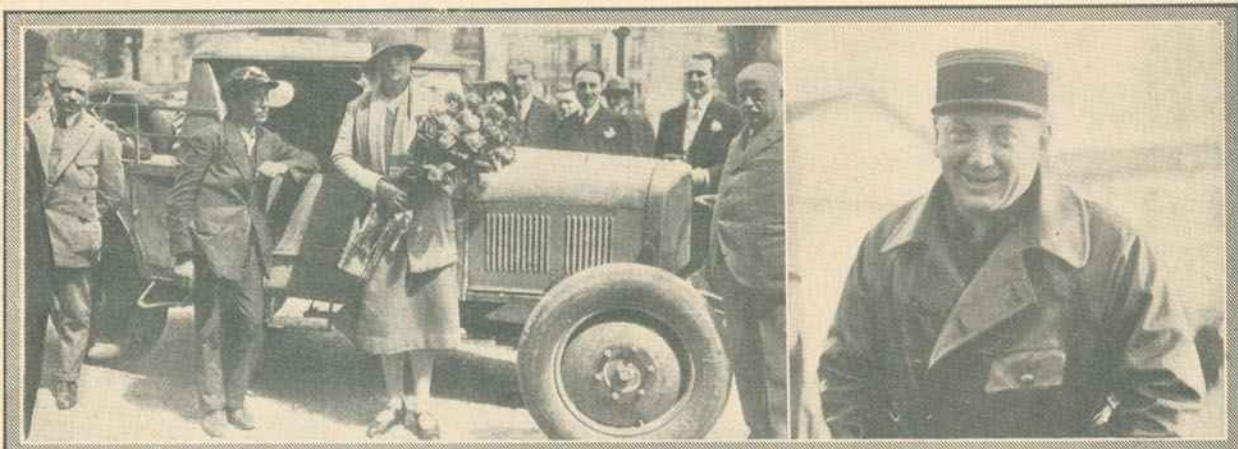


Match França-America Richards e Miss Wills vencedores de «Mixed Doubles»

ESTRANGEIRO



(Clichés ENIT)
 Gênova. — A multidão, na Praça de Ferrari, aguardando o discurso do sr. Mussolini, primeiro ministro de Itália — O sr. Mussolini saudando, da coberta do *Esperia*, a multidão que, a bordo de inúmeras embarcações embandeiradas, o aclamava



PARIS. — Uma família aterra lá: Madame de la Fargue, junto do potente Brasier em que realizou a travessia do Saar — O capitão-aviador, Peltier d'Oisy, seu irmão, que se lançou no importante *raid* Paris-Tokio



PARIS. — O jubileu episcopal do Cardeal Dubois, celebrado na imponente Notre-Dame: S. Eminência entre os bispos e arcebispos que assistiram à cerimônia



ROUEN. — No dia consagrado a Joana d'Arc: um grupo de raparigas em romagem ao local em que foi queimada a heróica pucela que salvou a França



COLUMBANO—Santo António de Lisboa

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

A SOMBRA DO PRIMEIRO AMOR

INDOLENTEMENTE, estendido sobre o «divan», Afrânio seguia com funda atenção o adejo das mãos de Berenice sobre o teclado de marfim.

Mais do que a própria música, enebriava-o o movimento daquelas mãos—mãos sortilégas, pálidas, nervosas, mãos para carícias requintadas, para afagos inéditos. E ali, ao piano, elas multiplicavam a sua belesa, criavam linhas estranhas, curvas subtis, atitudes raras—e sugeriam todo um mundo de mórbido e imperecível encanto. E a contemplá-las Afrânio esquecia o tempo e perdia-se em voluptuosos devaneios...

Antes, porém, de Berenice deter as mãos sobre o teclado, nesse gesto de quem encerra a própria alma do universo numa última nota musical, o criado, silente e respeitoso, entrou na sala com a bandeja e um cartão...

—Quem é?—preguntou Afrânio.

—É para a senhora...

Berenice voltou-se e leu:

—Rafael Soriano...

Depois:

—Soriano... Não conheço. Sabes quem é?

—Eu? Não, não—respondeu Afrânio.

O servo, então, solícito mas acabrunhado, procurando desviar os seus olhos de Afrânio, para onde eles lhe fugiam involuntariamente, elucidou:

—Diz que foi apresentado a V. Ex.^a, há dois anos, em San Sebastian...

—Não me recordo, mas mande entrar!

Afrânio, soergueu-se no «divan»:

—Queres que me retire?

—Não, não. Não vale a pena...

Ele levantou-se e caminhou até a janela. Lá em baixo, sob a suavidade da tarde e do céu de rara transparência, as ondas do Atlântico vinham rolando, encrespadas, até à barra do Tejo—dum azul puríssimo, melancólico, lírico. E ao lado dum imponente navio, que demandava Lisboa, algumas velas romantizavam a visão—azas distendidas de gaivota mergulhada, que navegavam, lentamente, sob a brisa vespertina, em direcção a Cascais.

Os passos do recém-chegado levaram Afrânio a voltar-se, para baixar a cabeça, em cerimonioso cumprimento.

Mas logo ele deteve esse gesto convencional e seus olhos, surpreendidos, atônitos, fixaram-se no homem que agora se emoldurava na porta.

Um espelho? Uma alucinação?

Esse homem era igual a ele, tinha a mesma altura, o mesmo rosto, o mesmo bigode cortado à americana—e dir-se-ia a própria imagem de Afrânio.

Também a Berenice aquela visita surpreendeu e seus lábios não puderam furtar-se a um «ah!» de contrariedade e admiração.

Ele ia para cumprimentá-la efusivamente, mas ao notar a presença de Afrânio, limitou-se a curvar o busto em saudação respeitosa.

Depois:

—Desejava falar-lhe, minha senhora. Mas a sós...

Procurando dominar o seu nervosismo, a sua inquietude, Berenice respondeu:

—Não tenho segredos para meu marido...

Com extraordinário sangue frio, ele voltou a dizer:

—Permita-me, minha senhora, que insista no meu pedido...

—E escusado! Creio que nada pode ter a dizer-me em particular...

—Pelo contrário! Tenho muito!

—Mas eu é que não quero ouvi-lo!

—Oxalá que não se arrependa. Todavia vou dar-lhe a minha direcção: Estou no Hotel Paris, quarto 35. Tem telefone...

E quando Afrânio, morta a surpresa, quis ensaiar um gesto de desaprovação, o outro já havia transposto a porta—orgulhosamente, arrogantemente, como se estivesse certo da sua impunitude.

—Não te preocupes!—pediu Berenice.—É um aventureiro, um «escroco». Não fará escândalo, porque sabe que eu o poderia denunciar...

—Escândalo? Mas então... Eu estou louco, certamente; eu estou louco! Como conhecestes esse homem?

—Uma noite, em San Sebastian...

—E depois?

—Depois... nada.

—Berenice! Quero saber tudo! Tudo, ouviste? Ou eu estou doido ou então... Porque me apresentaste como teu marido, quando sou apenas teu amante? Esse homem tão parecido comigo, tão parecido que dir-se-ia uma alucinação... Não, não! Fala!

Recuperada já a serenidade, ela procurava furtar-se às setas das perguntas.

—Acalma-te! Estás sendo incorrecto... Então não pode haver uma coincidência?

—Bem. Já que assim o queres, serei eu quem vai telefonar a esse homem, para o ouvir...

—Não farás isso...

—És tu quem me obrigas...

—Peço-te que não queiras saber aquilo que não te diz respeito!

—Então não me diz respeito o passado duma mulher com quem vivo e a quem amo?

E riu nervosamente.

—Estás a amesquinhar-te! A quebrar a tua superioridade. Peço-te por ti e não por mim que nada me perguntes, que nada queiras saber...

Ele dominou-se e em seguida, com funda tristeza, disse:

—Pois julgas possível que haja um homem tão superior que se cale ante a dúvida, ante a incerteza, ante o mistério do seu amor? Se depois do que se passou, tu nada me revelasses e eu nada chegasse a saber, a minha vida de hoje em diante seria uma tortura constante, uma angústia infinita. Já vês...

—Seja! És tu que assim o queres... Esse homem que acaba de sair de aqui, foi meu amante. Não porque eu o amasse... Ele foi instrumento dum outro amor...

—Brincas?

—Não. Eu casei muito nova, na minha pátria, na Argentina. Casei-me por paixão. Mas toda a felicidade é efêmera e meu marido, quando o nosso amor era mais intenso, foi miseravelmente assassinado por ódios políticos. Sofri muito, muito; e mais tarde verifiquei que não podia amar ninguém, que não fosse o vivo retrato desse homem que para mim encarnara o amor. Só alguém que fosse semelhante ao meu marido, cuja imagem jámais se desvaneceu na minha alma, poderia fazer-me reviver os dias felizes do noivado... Viajei, viajei muito...

Mas debalde o fiz. Dir-se-ia que o físico do meu marido era único no mundo... Há dois anos, porém, em San Sebastian, encontrei esse homem... Não sabia quem ele era. Mas a sua aparente semelhança com o meu morto querido, interessou-me... Uma aventura ligeira, porque logo, ao conhecer a sua alma asquerosa, fugi, fugi—fugi de mim própria, recendo que a tentação voltasse... Dois meses depois, encontrei-te, aqui, no Estoril... E eis tudo.

—Tudo, não. Pelo que disseste, eu sou também parecido com o teu marido, uma vez que a minha semelhança com esse homem que acaba de sair daqui é absoluta.

Ela hesitou um momento.

—Responde—insistiu ele.

—Pois bem, sim! És parecido com o homem que foi meu marido...

—Nesse caso, não me amaste por mim, mas sim pelo outro, pelo espectro, pelo morto! Eu sou a sombra, a imagem, o instrumento—eu não sou eu! É de endoidecer! E pudeste fingir tanto tempo! Pudeste fazer de mim um objecto, um ser ignóbil, ludibriado!

—Afrânio! Afrânio! Estás a insultar-me! Escuta-me e depois ajuiza! É verdade! Sim, é verdade que quando nos encontramos só vi em ti como que uma reencarnação do meu marido. Ao beijar-te, eu só pensava nele... Trazia ainda nos meus a febre dos seus lábios... Se ele nesses dias pudesse ressuscitar, eu não hesitaria... Entre tu e ele—ele! Mas com o tempo fui conhecendo-te melhor. Conheci o teu espírito, os tesouros da tua alma... E amei-te, então, por ti próprio; amei-te e amo-te loucamente! E se ele agora ressuscitasse, não sei, meu Deus, não sei o que faria!

—Meu amor!

E Afrânio beijou as mãos esguias, pálidas e indolentes de Berenice, que se estendiam, súplias, para ele—beijou-as como se chancelasse a eternidade daquela estranha paixão.



Feminina



O QUE A MODA PREFERE NESTE MOMENTO



Elegante chapéu de tecido de alno e veludo preto

As simpatias da moda actual recaem nos plissados, que nunca, como este ano, foram fantasistas, nas rendas e na mistura das cores que se casam numa mesma toilette, buscando-se, por esse meio, efeitos policromos de delicados cambiantes. Os plissados,—a palavra apenas nos evoca o conhecido as-



pecto das ptegas finas, bem vincadas, dispostas com simetria,—obedecem agora aos mais caprichosos desenhos. Arabescos, xadrez, tudo a moderna indústria da plissagem nos oferece sem emprêgo de outro elemento que não seja o entrecruzado dos vincos, que contrariando-se em determinados pontos, segundo as indicações geométricas do desenho, marcam com inesperada clareza graciosos motivos. É um achado da moda que pondo em destaque os vestidos plissados dispensa para essas toilettes qualquer outra guarnição que não seja o efeito mais ou menos caprichoso dos desenhos vincados. Entretanto, é bom não acolher a ideia com demasiada confiança. A moda é versátil; as suas fantasias morrem depressa e um vestido plissado neste gênero não poderá aparecer para além de uma estação...

As cores que se aliam com felicidade nas toilettes de verão e que este ano estão em pleno favor são: rosa e azul escuro; gris e rosa; amarelo limão e azul; verde e cinzento; branco e verde ou azul, etc. Por exemplo: saia e sweater cõr de rosa acompanhada por um *manteau* azul escuro; vestido composto de saia plissada e longa redingote branca, combinado com uma blusa sweater verde jade; a mesma composição em gris com a blusa verde ou rosa, etc.; são ideias felicissimas que muito contribuem para o triunfo da mocidade e da beleza femininas.

A MODERNA DISPOSIÇÃO DAS MESAS PARA LUNCHS



gindo aos preceitos estabelecidos para esse fim, logrou obter um conjunto de efeito original e agradavelmente harmónico, em que o conforto se casa com a estética.

Nesta mesa, os convidados encontram tudo de que possam carecer, sem necessitarem do auxilio, nem sempre oportuno e acertado dos criados. Um rápido golpe de vista, mostra-lhes sobre a mesa, colocados com graça e premeditada atenção, todos os utensílios necessários e junto d'êles, emergindo por entre a policromia alacre das flores, a refulgência dos metais e dos vidros, a

Não é cousa fácil dispor com elegância propriedade, gosto moderno, sentimento artístico e indispensável conforto, uma mesa para *lunch*.

A arcaica toalha de linho adamescada, que passou de moda, tentando mesmo arrastar consigo as suas congêneres mais ou menos luxuosas, deixou em embaraço as donas de casa que, pouco afeitas aos caprichos meteóricos da volúvel moda, não sabem como substituí-la com vantagem sob o ponto de vista da elegância.

Sedenta de ineditismo, a Inglaterra enviou-nos a ideia de substituir a toalha por um jôgo de *napperons*, destinados a collocarem-se sob os pratos e talheres, em frente de cada conviva, destacando-se um de maiores dimensões para o centro da mesa, sob a floreira baixa, ao gosto moderno, e ainda outros mais pequenos que servem de base aos doces, frutas, conservas, etc.

Estes *napperons* são sempre muito artisticamente trabalhados, por vezes completamente feitos de renda filet, Veneza, etc.

A originalidade da ideia não logrou, porém banir de todo as toalhas. É de justiça confessar que elas são mais confortáveis e que oferecem um aspecto mais harmonioso. Assim se compreende que as vejamos actualmente sumptuo-

sissimas, reobertas de preciosos e complicados bordados, de finíssimas rendas e, por vezes, inteiramente confeccionados com *filet* bordado à mão, — como a que se vê na primeira gravura.

É sobre estas preciosidades artisticas, onde o engenho feminino e a subtil habilidade dumas breves mãos de mulher deixam impressos toda a magia do seu poder concepcivo e realizador de lindas cousas, que se dispõem os pratos, talheres, copos, floreiras, candelabros e iguarias.

Na segunda gravura, teem os leitores uma mesa moderníssima, para *lunch*, preparada nas serpentinas, as iguarias odorosas e tentadora.





livros e Escritores



... Aqui muito à puridade — baixinho, muito baixinho, que o diabo às vezes é tendeiro! — deixe o meu General que eu lhe confesse um desejo que me anda comburindo as meninges e me porá os seios da alma dilacerados se o não logro ver satisfeito: eu queria também ser ditador!... Ofereço-me muito em conta, sr. General, mesmo bastante baratinho: lá pelos *cum quibus* nos não zangamos nós... É que, nem V. Ex.^a põe na sua ideia a atagantação crudelíssima em que se vê um fabiano a quem deram o encargo de passar em revista toda a produção livreasca dos nossos dias; trabalho é esse superior aos de Hércules, meu senhor, dado que o filho de Júpiter e Latona possuía uma clava formidosa com que destroncava monstros e reduzia a cisco montes e cordilheiras: eu, malaventurado, possuo apenas uma Waterman sofrivelmente último modelo, e sou bastante fraquinho de arco-boião. Nem sequer ao menos sei desviar o curso dos rios porque, então, não haveria currais de Augias literário que eu não pusesse mais alvo que farinha triga... É que não há menina que nos não venha lamuriar quantos suspiros exalou, quantas as fígadelas do brejeiro do Cupido, a-mail-os anseios da sua alminha, após beatitudes mais que suspeitas; seguem-lhes na cola os *poetucoli* falheiros de inspiração, de ritmo e de conhecimentos da formosa língua portuguesa, que debitam versos por dá cá aquela palha e aos quais bem conviria meditarem três vezes — antes de enegrecer papel! — o verso de Olindo Guerrini:

Sono un poeta o sono un imbecille?

A isto ajunte V. Ex.^a, meu General, a fauna bissexual que o Supremo Arquitecto há uns milheiros de anos sepultou em fogo e enxôfre reduzindo-a a torresmos e que, provavelmente, muito dará ainda que fazer ao Purgatório para ser chamuscada em condições... É um horror, meu General, nem V. Ex.^a calcula: aqui sobre esta mesa estão resmas e resmas de papel impresso que nós teremos de ler, entre bocejos de estalar a queixada e esternutações de arrazar os narizes pondo-os mais largos que a boca da Barra... Ainda se ao menos eles escrevessem bem, exibissem galanias de estilo ou dessem embalo ao verso e à prosa e conságrassem ao labor das escorrências cerebrais aqueles horacianos e consabidos sete anos de gaveta, ainda um pouco se lhes poderia perdoar, fossem eles cadeleiros retrincados ou devotos contumazes do Génio Tutelar das Bagatelas. Mas qual! está-lhes mesmo a calhar o *scriptio continua, emendatio nulla*: as suas produções não passam de ntroixado fardel de vis tolarias escritas em vasconço... É uma

desgraça para quem lê, meu General, e... vamos lá! para quem edita. Porisso, arredando definitivamente a montanha que ante mim se está erguendo — depois de botada a este mundo a tranços pelas montras dos livreiros, — e antes mesmo de começar dizendo coisas acerca de alguns livros que as possam merecer, eu desejaria do mais íntimo do meu ser que V. Ex.^a, já que está em maré de reformas e com as mãos na massa, tivesse em linha de aprêço o meu oferecimento: estava mesmo na conta uma nova Mesa Censô-



Hipólito Raposo

ria incumbida de averiguar se o candidato ou candidata a ilustres ornamentos das letras sabem português, são sexualmente escorreitos e possuem conhecimentos de métrica: uma ditadurazinha da costa que, mediante a exigência do período incubatório recomendado por mestre Horário, nos livrasse das burundangas literatas, das farelagens livreascas que por aí polulam como carochas em húmido pardiêiro. Mas, agora, pensando bem, julgo que V. Ex.^a me não deverá nomear. Não, lá isso não! Só com um competente segurosinho de vida *et pour cause!* V. Ex.^a compreende...

... Em todo o caso não descure o problema, meu senhor: ao menos a competente passagem em instrução primária e sete anos de gaveta, conforme opinava o epicurista mantuano. É uma necessidade, creia!

Se tão desacreditadas não estivessem certas frases do idioma lusitano, como cavalheiro respeitável, senhora honesta que pede subsídio,

gênio da Raça, salvação nacional, ilustre estadista e outras mais que eu ignoro e vós sabeis, o autor destas linhas chamaria boa acção àquela que acabam de fazer os srs. Hipólito Raposo e Azevedo Neves, trazendo a público cada um seu livro. Confesso alegremente que um e outro escritores me indemnizaram à parte dos abrimentos de bôca e dos inchaços de tédio provocados por outras leituras que fui compelido a realizar por via desta ingrattissima existência de grilheta da pena. O livro de Hipólito Raposo que muitos acreditarão simples amostra de literatura colonial, visa a muito mais do que isso — que, aliás já não era pouco — se levarmos em linha de conta que os nossos domínios ultramarinos apenas são conhecidos de nós por meio de vários monos de pau com olhos de espelho, existentes ali na Sociedade de Geografia... *Ana a Kalunga* possui mais nobre escôpo em sua factura porque, forçosamente o teremos de filiar na urgência justiceira de bem sabermos e que é e o que vale o nosso formoso Portugal de além-mar. Sem recorrer a enfadonhas relações de riquezas, ou esgotantes demonstrações técnicas, Hipólito Raposo diz-nos com os olhos enevoados de saúde o que é essa misteriosa e ubérrima terra angolense; o que o seu coração por lá entendeu e amou; como as paragens africanas, espargidas por tanto sangue lusitano, se tornaram o natural prolongamento da metrópole para sua ressurreição e gloriosa sobrevivência... Aquilo a que, depreciativamente, se chama a Costa de África mais não é, afinal, do que uma das muitas e opulentas herdades que este perdulário morgado que é Portugal tem deixado ao Deus dar. As nossas colónias não são apenas poissadoiro para os degredados: são campos de lavradio e lugares de vida intensa para quem possua dois braços de trabalho e retina sequiosa de beleza. É isto que *Ana a Kalunga, em a nossa linguagem Os Filhos do Mar*, nos conta pela pena elegante e culta de Hipólito Raposo quando o seu exílio o levou a ser «advogado nos feitos cívics & do crime nos senhorios das partes de África». Confesso que há muito não lia um livro tanto do meu agrado, tamanho portuguêsissimo nele anda aceço e tão simples lusitana e expressiva língua lhe serve de veiculo.

São perto de três centúrias de belas páginas portuguesas, escritas numa linguagem que se adivinha caldeada pelo diário convívio com a herança literária daqueles missionários e aventureiros idos há muitos anos para longes terras, levados pela sede ardente de *algo de nuevo* — como certo Ponce de Leon, navegador hispano! — e que de lá regressaram trazendo prosas que resistem à exegese literária e à poesia dos séculos... É uma linguagem cheia de pureza, sem

atrebiques nem farfantarias de novo-riquismo, simples, coada por um casticismo da melhor extração, aliciante mas sóbria, concisa mas colorida...

Pelo seu comovido nacionalismo e pela sua factura, *Anã a Kalunga* é um conselho aguarado por uma grande saúde...

O outro livro a que, do coração, me apraz fazer referência — não, infelizmente, tão demorada como eu desejaria mas sim tanto quanto me permite o espaço concedido a esta resenha — é a *Vida miserável*, a colectânea dos artigos que o sr. Dr. Azevedo Neves pensou e fez inserir em alguns dos coridanos cidadãos. Homem de letras e homem de ciência, o autor do livro em questão é daqueles que compreenderam ser a principal missão do escritor, *servir*. E, assim, o seu exemplo paga-me do desperdício a que votam a sua actividade literária vários esculapinos ao subscreverem sarapatéis de porcarias elegantes ou atabalhoadas parturições de obra-feita... É que o sr. Azevedo Neves, frêchando através da sua luneta a exausta e decadente sociedade lisboeta, as suas misérias e vergonhosas



Azevedo Neves

abdicações, os dissaboridos arlequins do clubismo ou da alta roda cidadãos e, indirectamente, os titereiros da politicagem, expõe, comenta e propõe, sempre a dentro dum sólido bom senso que muito desejariamos fosse imitado por todos quantos escrevem. A modalidade do talento deste escritor já não me era desconhecida: nos meus tempos de aprendiz de leis, ao cair-me nas mãos *O caso Lawton* logo me feriram a atenção a sã-dia sensibilidade e a ciência verdadeira que nesse estudo médico-legal se patenteavam. Vieram depois outros trabalhos que só confirmaram a opinião primitiva, e aos quais é mister acrescentar o voluminho agora editado. São seis capítulos os que compõem a *Vida miserável* e de entre eles destaco para o meu particular apreço os que lá vêm subordinados aos títulos de *Mães!*, *Deveres*, *Assistência* e *Toxicomania*. Noté-se porém que para ser rigorosamente ver-

dadeiro terei de destacar todos porque assim é que está certo. E se os leitores, levados pelo franco elogio que aqui faço ao livro do sr. dr. Azevedo Neves imaginam que irão lá topar com farfalhudos tropos de retórica e empalhadas diatribes contra a vida moderna estão muito enganados e o melhor será tirarem desde já daí o sentido. O livro do sr. dr. Azevedo Neves destina-se a fazer pensar quem tiver coração cheio de amor cristianíssimo pelo semelhante e a obrigar cada um a agir de harmonia com esse amor e esse coração. Lavrantarias wildescas de estilo ou galhudas indignações de tirar e pôr — isto para me referir aos dois vícios dominantes da escrita de hoje — escusam de as procurar porque fazem lá mingua e ainda bem. *Vida miserável* é um bom livro e um excelente exemplo de lusismo. Se não era isso que os leitores desejavam, então batam a outra freguesia. Porque, *tout le reste est littérature*...

De *Poetas satíricos, moralistas e parodistas e Românticos e Ultra-Românticos*, titulóu o sr. Nuno Catarino Cardoso os dois últimos volumes — reunidos num só — que da sua *Antologia Portuguesa*, agora acabam de ser publicados. Pelo que nos foi dado perceber — quer lendo atentamente os citados volumes, quer ainda examinando o plano geral a que a *Antologia* deverá subordinar-se — julgamo-nos habilitados a afirmar que o compilador em questão tomou de certo modo para seu modelo conhecidas e similares edições do livreiro parisiense Louis Michaud. O empreendimento do sr. N. Cardoso seria em boa verdade merecedor de largos encomios desde que as suas compilações tivessem a caracterizá-las amplos conhecimentos da língua portuguesa, exegese literária e história das literaturas. Infelizmente estes dois volumes depõem muito mal a respeito da *Antologia* em publicação. Primeiro que tudo as *Palavras* de que o sr. N. Cardoso faz preceder cada um dos volumes são tão descoloridamente banais e cheias de refutados logares-comuns que, bem melhor seria terem ficado no tinteiro do autor. Especialmente pelo que respeita ao Romantismo o sr. Nuno Cardoso já deveria saber de há muito que os mestres da escola Romântica por forma alguma foram os chamados românticos alemães: as raízes do Romantismo há que as ir buscar muito mais longe e, quer os primorosos trabalhos de Seillière, quer ainda o discutido volume de Lasserre, *Le Romantisme français*, facilmente lho provarão. O Romantismo — isto é já velho-re lho! — vem de Rousseau: quanto a Novalis a sua influência nos Românticos e Ultra-Românticos foi nenhuma pois que somente os Simbolistas e Decadentes é que a sofreram... Novalis figura entre os influenciadores do Romantismo como Pilatos no *Credo*... E entrando propriamente no texto dos dois volumes da *Antologia* agora vindos à luz seja-nos permitido estranhar a quasi ausência dos nossos trovadores

e segréis autores de cantigas de escárneo e mal-dizer: o sr. Cardoso apenas apresenta uns seis versos do Afonso de Cotton e esquece poetas muito superiores como D. Lopo Dias, Aires Perez Vuitron, D. Afonso Mendez de Bêsteiros, D. Afonso Lopez de Bayan, Pedro Velez de Guevara etc., todos eles muito melhores que o citado pelo compilador em questão. É estúpido mesmo o pulo que o sr. Cardoso dá por cima de todos eles passando logo da primeira metade do século XIII para fins do XVII!... E a escolha dos trechos dos poetas satíricos e parodistas foi em geral muito apressada e injusta: para exemplo, diremos que António Denis da Cruz e Silva



Nuno Catarino Cardoso

tem no *Hissope* coisas muito superiores ao trecho apresentado pelo sr. Cardoso, isto sem esquecermos a injustiça flagrante perpetrada contra José Agostinho de Macedo, o celeberrimo *Padre Lagosta* que foi totalmente esquecido. Também há a notar que por mais de uma vez se encontram errados os versos transcritos, *verbi gratia*, a fábula do Corvo e do Pavão, do Bocage, isto para não citar senão um exemplo. A escolha dos trechos dos Românticos e Ultra-Românticos também não foi das mais felizes — sem esquecermos, de passagem, que o sr. Cardoso coloca as crenças de Herculano a par de as de João de Lemos! — pois que a maioria dos poetas transcritos no volume possui melhor e muito melhor... E já agora gostaríamos de saber porque foi que o sr. Cardoso, no soneto de Machado de Assis, *Circulo vicioso*, mudou no décimo-terceiro verso o verbo que o começa... *Enfara-me* é que lá está e está bem...

Enfim, permita Deus que os outros volumes a sair sejam um pouco melhores do que os dois agora apresentadas. Estes em boa verdade não são lá grande coisa!...

ALVARO MAIA.

NOTA DA REDACÇÃO — Por impedimento do sr. César de Frias, redactor efectivo da nossa *crónica literária*, encarregou-se de a deste número o sr. Alvaro Maia.

Os livros que para este efeito nos enviem não devem vir subordinados a dedicatórias pessoais.

A SONÂMBULA QUE DANÇA



Apontamento de J. Clara

Um pouco atrasada em matéria de espectáculos, quasi leiga no que a dança diz respeito, Lisboa só agora pôde ver—à margem de acontecimentos mais sensacionais—um fenómeno do género que o Coronel de Rochas e Émile Magnin propuseram à discussão dos homens de sciência, com as suas revelações de Lina e Madeleine dançando em estado hipnótico.

Foi ainda o mesmo Albert de Rochas, já falecido, quem descobriu em Madame Caro-Cambell, uma loira parisiense de olhos claros, os seus extraordinários dotes de sonâmbula-bailarina.

A acreditar nos tratadistas de *Les Sentiments, la Musique et le Geste* e de *L'Art dans l'Hipnose*, existem criaturas de sensibilidade misteriosa, que não conseguem revelar-se tais quais são, na vida de todos os dias, e desconhecem certos seus meios expressivos, enquanto a intervenção de uma vontade alheia os não põe em evidência. Caindo em transe, mostram-se possuidoras de habilidades que ninguém suspeitaria, realizando coisas estupendas para a sua absoluta falta de preparação.

Claro está que não são vulgares êsses temperamentos recônditos e desconcertantes, contrariadores da lei normal da vocação e da aprendizagem.



Apontamento de M. Desjardins

gem. Excepcionais, e, regra geral, pertencentes ao sexo feminino, mais maleável e fértil em surpresas!

Ligado aos dominios obscuros do hipnotismo, o interessante problema de Madame Caro-Cambell e das suas predecessoras não é bem um caso de arte, refugindo, pelo carácter extra-natural, a qualquer comentário critico.

A arte participa do sub-consciente, mas, brotada no mistério do nosso eu profundo, necessita, para completamente se afirmar, da intervenção da consciencia e do esforço voluntário.

As dançarinas-sonâmbulas, além de não saberem dançar, não podem compor nem fiscalizar o seu trabalho; tudo se limitando, nelas, a uma reacção supra-sensível a sugestão musical de trechos que, ás vezes, ignoram, e não obedecem a um programa.

Não são, portanto, artistas, no rigoroso sentido da palavra, mas uma espécie de automatós, que a música avibranta, ao sabor da hiperestesia que o letargo lhes empresta.

Julgo impossível tentar idêntica experiência com todas as artes. A dança presta-se admiravelmente a essas improvisações, porque, antes de ser uma arte com suas normas e dificuldades, é uma actividade espontânea e intuitiva.

O nosso interior rege-se pelo ritmo—lei fatal do coração, inimigo da imobilidade e da desordem. A dança talvez não passe, muitas vezes, do desejo de trazer à periferia a plenitude rítmica que governa a nossa vida fisiológica.

Quis-me parecer que Madame Caro-Cambell, artista *sui generis*, não ficava bem, na vasta sala do Politeama, entre números banais de variedades, e anunciada, pomposamente, como «a oitava maravilha do mundo».

A sua exhibição de «dançarina adormecida», de uma grande riqueza de atitudes, mercearia, além de melhor orquestra, poder ser apreciada num salão mais confortável, com mais propício ambiente.

Ao levantar do pano, a saltatriz dormente jaz no meio do palco, imersa no sono especial, que diz provocar, ela própria, usando um processo oriental de fundas inspirações e concentração de espirito. É a música que, sem a despertar, a anima e leva pelo palco fora, numa successão de movimentos, gestos e passos, que garante não ter estudado e não saber coordenar quando acordada.

No seu rosto, há uma certa crispção de parado alheamento. Não se lhe sente a respiração acelerada pelo cansaço. Mal a música cessa, ela estaca, firmemente, na última attitude esboçada, mantendo-a até que novo trecho musical lhe reordena que se mova. E no final há que chamá-la à realidade, com um *«Réveillez-vous!* intimativo, ainda que mal pronunciado...

A Madame Caro-Cambell têm sido tributados muitos louvores, havendo quem lhe chame «leita magnífica do Mistério» e «Stradivarius do gesto».

Sem apurar toda a verdade do seu enigma rítmico, aqui e além viziado da beleza, direi

que me pareceu, em scena, uma apreciável e fina improvisadora de atitudes mais estatutárias do que coreográficas; porque é manifesto o seu desconhecimento da técnica do bailado.

A aspiração dançatória mora no seu corpo em estado de encantamento, e precisa do reforço da hipnose, de um poderoso recolhimento extático, para se manifestar.

Madame Caro-Cambell declarou, num inquérito ás suas preferências, que «não pode ouvir um realejo, na rua, sem se pôr a escutá-lo e a acertar com a música os seus passos e movimentos». Mesmo desadormecida, há, por conseguinte, nesta cultivadora do sonho rítmico, uma



Madame Caro-Cambell

alma de dançarina que, na idade apropriada, se esqueceu de aprender a dançar—o que a dispensaria de recorrer ao sonambulismo, para nos encantar, certamente, de uma maneira menos discutível e mais corrente, livres para a aplaudir sem olhar ao perigo de a despertarmos antes de tempo.

Temos, em todo o caso, de a estimar tal qual se mostra, reconhecendo que, nos seus ritmos adormecidos e adivinhadores da música, há, forçosamente, uma espontaneidade de movimentos, em primeira mão, vindos das profundezas do seu ser.

MANOEL DE SOUSA PINTO.

CABOUÇOS DE PORTUGAL MELHOR

AS MULHERES E O CIVISMO

No seu livro sobre *Eça de Queiroz* disse o poeta e crítico sr. Alberto d'Oliveira, referindo-se à literatura naturalista e pessimista, que tanta vez tem contribuído, em Portugal como lá fora, para espalhar sentimentos ou ideias dissolventes a respeito do sexo feminino: «Agora já também vivi e corri mundo, e compreendi a solidéz da obra (ainda mais meritória por ter sido quasi só intuitiva) que, melhor do que os homens, realizaram as mulheres e as mães portuguesas, carinhosas directoras hereditárias da alma nacional, tão sábias na sua ignorância, e tão firmes construtoras dos lares de cuja coesão e harmonia se formou secularmente a pátria.»

Creio que a nossa literatura contemporânea devia inspirar-se nestas ou semelhantes palavras, para restituir à mulher portuguesa o respeito que ela merece e que quasi sempre lhe tem recusado, desde Alexandre Herculano e Julio Dinis. A mulher não é só instrumento de paixão amorosa, como em Camilo, e não se educa pelo simples facto de se mostrar que foi mal educada, como no *Primo Basílio* de Eça de Queiroz, nem se lhe eleva o espirito e o carácter, fantasiando uma bela sociedade, com pretensões de alta e fina, onde homens e mulheres, embora mascarados de borboletas muito janotas, não se mostram mais delicados e brilhantes, moralmente, do que as cabras, as galinhas ou os cães. A mulher educa-se, respeitando-a primeiro como aquilo que ela é de mais nobre e mais santo: — individualmente, a mãe do homem, a colaboradora e a enfermeira do homem; socialmente, a raiz, a semente e a flor da nação. Se formos românticos, isto é, desequilibrados, faremos della fúria ou fatalidade, martírio ou remorso, loucura e paixão; se formos cínicos, quero dizer imorais, desprezã-la hemoz incensando-a, e os nossos livros fôrão duvidar de que tivéssemos tido mãe alguma vez, porque através d'ella a mulher só apparecerá como bug-ganga viva, corpo sem alma, brinquedo ou prazer do homem egoista e sensual.

Há épocas em que a mulher se respeita menos, e nós atravessamos actualmente um desses períodos; mas podemos ter a certeza de que elle passará, porque a moral não é senão a defesa da sociedade, e como esta tem de continuar, a mulher há-de tornar-se outra vez respeitável nos seus costumes e maneiras exteriores, sem o que a sociedade civilizada, que principalmente se baseia no respeito da mulher, deixaria de poder subsistir por falta doma das suas mais sólidas columnas morais.

Nem todas as mulheres a quem Deus cumulou de bens materiais e possibilidades de prazer, se contentam com viver no prazer ou na matéria. Algumas haverã, de-certo, que tenham os seus vestidos inumeráveis e permanentes espectáculos, os seus automóveis e cavalos, as suas criadas e mestras para lhes tratarem dos filhos, emquanto ellas evaporam o dia na ociosidade e no luxo; e essas damas, a quem espiritualmente basta uma vida de varina rica ou de mulher por conta, são a seu modo úteis à economia e à arte, porque espicaçam o trabalho dos respectivos empresários, fazem girar a moeda, espalham riqueza, inspiram artistas e enfeitam a paisagem urbana. Mas há outra espécie de mulheres ricas — ricas de dinheiro e de tempo — que não parecem menos simpáticas, porque são mais cris-

tãs e mais cívicas. Refiro-me ás que, em vez de passarem a vida inteira a divertirem-se e de ocuparem o mundo o inteiro em diverti-las a ellas, algum dia pensaram consigo: *Mas não sou só eu que existo... Mas também há os outros!*

Ora os outros não são só os nossos parentes e amigos, os nossos criados e convidados, e os famosos e comodíssimos «nossos pobres», de quem nos vemos livres tão de-prensa e tão facilmente, dando-lhes meio segundo de atenção e cinco tostões em papel, e ganhando assim mais tarde o céu por um preço de pechincha.

Os outros são também a nação onde nascemos, a colectividade de que fazemos parte e a qual devemos serviços de esforço, de trabalho, de tempo ou de dinheiro, que na linguagem moderna se chamam «serviços sociais». Entre nós é preciso martelar muito esta ideia de que todo o cidadão tem de trabalhar praticamente e sempre alguma coisa para o bem da cidade, e todo o português ou portuguesa para o bem de Portugal. Em geral supomos ter cumprido todos o nosso dever cívico, fazendo zaragatas políticas grandes ou pequenas (há-as para todas as idades), dizendo mal dos governos ou amando românticamente os ditadores heróicos, indo à missa por pirraça aos democráticos, deitando bombas, ficando sentados quando estreme a *Portuguesa*, editando ou lendo revistas políticas com muito sangue na guelra, e refugiando-nos em casa, com medo aos caceteiros formigas, em domingo de eleições.

Nada disto é trabalho de cidadãos, mas pura macacada de escravos impotentes. E como os homens e os meninos continuam contentes, nesta grotesca ou trágica illusão de se libertarem pelo falatório ou o barulho, resta-nos a esperança de que as suas mães e irmãs, com o sentimento menos deformado pelo abuso da força bruta ou da ideia-feitiço, se convençam de que o civismo útil consiste na solidariedade construtiva, e nunca no palavriado que adormece, no ódio que destrói, ou na ociosidade que corrompe. Vamos, por-isso, dar, nos artigos seguintes, alguns exemplos de fecunda actividade cívica particular que convém inculcar às senhoras portuguesas de boa vontade, sem esquecermos que a muitas delas se devem já altíssimos serviços, não só de caridade e assistência, mas de fundação de oficinas-escolas de indústrias locais ou caseiras, de visitação higiênica a crianças das escolas primárias, de iniciativas privadas de ensino infantil moderno, de concêrto e recitais gratuitos para operários, etc., etc. Essas admiráveis iniciadoras de energia social construtiva num país cadaveroso tem de ser e serão imitadas e seguidas por muitas outras. D. Isabel de Ornelas, D. Maria Madalena de Martel Patrício, D. Beatriz do Canto, D. Sofia Buzaglo Abecassis, e as suas já numerosas colaboradoras, estão ensinando aos bons corações portugueses que a educação é melhor serviço social do que a esmola, e recordando aos maus políticos portugueses (que são quasi todos os políticos de todas as cores) este axioma d'elles esquecido: que a politica não é senão *meio* e que o verdadeiro fim é a solidariedade social, ou o civismo. Os politicos arvoram um nome próprio (*Zé Francisco, Zé Nunes, Zé Fistula*) ou uma ideia abstracta (Restauração, República, Socialismo, Integralismo, Comunismo) e por

meio de jornais ou revistas, de artigos e discursos, de berratas, bengaladas, tiros, bombas e destruições de mobília, proclamam que aquele nome é santo ou que aquella palavra é mágica. E quando, depois de tanta inocência, tanta agitação e tanto barulho, conseguem a força e o poder, vê-se que não sabem fazer nada senão aquilo que fizeram sempre, isto é, destruir, legislando ou falando; e que de tanta agitação estéril resulta sempre a mesma porcaria, isto é: legisladores, caceteiros, corruptores, burocratas, delapidadores, parasitas. O nome santo cai no ridiculo; a palavra mágica não tinha nada lá dentro, e a nação paga a conta, com as escolas publicas cada vez mais infames, as estradas cada vez mais intransitáveis, a moral administrativa cada vez mais gatuna e os impostos cada vez maiores.

Assim politicam e governam os homens em Portugal. Raro teria sido aquele que (já não direi por idealismo e espirito de solidariedade social, mas sequer ao menos para se ensaiar praticamente na verdadeira «politica») se tivesse lembrado de que governar é *façor*, e que antes de escalar o Governo tivesse *feito* alguma coisa. Alguns dos partidos politicos que temos contam 10, 15, 20 ou mais anos de opposição. Citem-me um, se são capazes, que tivesse sabido congregar, nortear e dirigir durante esse tempo os esforços de meia dúzia de cidadãos no sentido de limparem a sua rua, fundarem alguma pequena officina modelo, criarem uma escola isenta dos vicios das que existem, organizarem uma instituição qualquer para levantamento moral ou intelectual dos seus vizinhos inculcos e pobres.

Que admira, portanto, (retomando a observação de Alberto d'Oliveira) que, depois de marcar falta aos homens, nos lembremos de que as mulheres portuguesas tem realizado em Portugal, menos por saber que por instinto, uma obra mais sôda que a d'elles, como «carinhosas directoras hereditárias da alma nacional»?

Façamos, pois, o que nunca ninguém fez: guiemolas, trabalhemos para que o «saber» lhes reforce o «instinto», digamos-lhes que deixem de estar ali apenas para sofrerem passivamente as consequências da estupidez e loucura dos homens.

A mãe ensina o filho a andar; a escola que a politica dos homens organizou em Portugal só serve, mais tarde, para lho tornar paralitico. Da mesma maneira, a politica portuguesa, que noutros séculos soube ir longe, desaprendeu de andar, e esperneia. E' preciso habilitã-la outra vez a dar passos, em vez de coices apenas; e temos de apelar para a velha função maternal que a mulher exerce magnificamente, transformando o quadrúpede em bípede.

Repetimos a promessa que acima fizemos de dar nos seguintes artigos alguns exemplos de actividade cívica feminina. E concluiremos esta página, pedindo às senhoras que nos tenham lido o obséquio de assinarem e lerem atentamente, não só a *Illustration* francesa, ou o *Sketch* inglês, mas também, por exemplo, a revista *Vers la Sante*, mensário da Liga das Sociedades da Cruz Vermelha. Custa só 20 francos por ano, e tem a sua redacção em Paris, 2, Avenue Velasquez.



ESTE breve apontamento também se poderia chamar, em boa verdade, «A história dum menino que cresceu muito depressa».

Efectivamente é essa a tragédia desse actorzinho minúsculo que na América conhecem por Jackie ou mais simplesmente «The Kid» e na Europa toma nomes variados, em França «Le gosse», em Espanha «Chiquillín» e em Portugal «o miudinho» ou «o garoto do Charlot». Trata-se evidentemente de Jackie Coogan ex-pequeno prodígio da cinematografia americana. É esse o menino que «cresce muito depressa». E senão vejamos. O peripatético e sonhador Charlie Chaplin, miserando Charlot de botas cambadas e côco periclitante no alto da ganforina poeirenta, cansado um dia de fazer *jonglage* com

blico, desatendendo a genial interpretação de Charlie voltou-se para o pequeno Coogan, a quem, por necessidade do reclame comercial, todos os exibidores do mundo classificaram como um prodígio. E o pequeno Jackie pela primeira vez e em seu detrimento, «cresceu muito depressa». Papá Coogan, vendo-o lançado, subtraiu-o à tutela de Charlie, prejudicando-o assim visto que lhe tirou o melhor dos mestres e sem se lembrar que êle tudo devia ao génio da cinematografia. Dai por diante o pequeno cresceu cada vez mais depressa lançado em super-produções em que êle é sempre o mesmo cãozinho de ganforina, os mesmos olhos naturalmente doces e ternos e onde tem momentos de rara felicidade quando pode reproduzir alguma das qua-

guedelhas de cãozinho. São em número de alguns milhões as cartas que papá Coogan tem recebido pedindo caracois do menino. Como vai êle solucionar este problema, se o cabelo não cresceu tanto como o menino da história?!

D. W. Griffith está acabando um grande filme «As arrelhas de Satan», traduzindo à letra o título americano.

«Le vertige» a obra prima de Charles Meré que já foi representada no Teatro Nacional Almeida Garrett, obteve um grande successo na



Jackie... pobreção

Jackie Coogan

Jackie... ricasso

tijolos e de receber por debaixo das curtas abas da rabona «usa de grilo» os mais variados pontapés, deliberou começar a fazer vêr ao mundo a faceta dolorosa, romântica, do seu personagem grotesco. Mas como o público ao ver surgir a sua figura vacilante, começasse logo numa gargalhada que abafava toda a sua ânsia de se lhe impor pelo lado sentimental, Charlot deliberou juntar à sua, outra figura que, sem grotescos, dum comico doloroso na indumentária e uma tristeza inata na expressão, atraísse de entrada os olhos de todos e deixando a risota para depois, lhe desse, a êle Chaplin o ensejo de patentear e subjugar o público com os seus dotes de trágico ultra-moderno. Procurou uma criança e apareceu-lhe êste Jackie Coogan, feiote, melenido mas com uns lindos olhos negros cheios de natural melancolia. Chaplin experimentou-o e o pequeno não dava mais do que três ou quatro expressões paradas. Era pouco mas nas mãos do genial animador, era o suficiente. Saiu então a lume «The Kid» (o garoto de Charlot) e o pú-

tro expressões que Charlot lhe ensinou para o «Kid». Portanto foi rápido de mais o crescimento e tão rápido que, a certa altura, vendo-o tão alto e tão depressa, os conhecedores do mundo inteiro começaram a analisá-lo como se analisa «gente grande». E o resultado foi concludente. Se lhe tirassem os argumentos de uma ternura inteiramente comercial, os bons elementos no elenco e as célebres quatro expressões, ficava apenas a melena de cãozinho *grifon* e os olhos negros que Deus lhe deu. Então papá Coogan, administrador dos bens artísticos e... materiais do menino Jackie, viu outro perigo. O menino tinha outra vez crescido demasiadamente, mas desta vez pelo aumento de comprimento e de grossura de braços, pernas e demais partes do corpo. «O miudinho» já ia sendo escandalosamente «grandinho!» Mas estava rico. Organizou uma subscrição monstruosa, foi levá-la aos órfãos da Austria e dos Balkans, que se debatiam no inferno de post-guerra. Depois, retirou-se e por decência pública vai cortar as

adaptação cinegráfica verdadeiramente magistral de Marcel L'Herbier. Os papéis criados em Portugal por Ilda Stichini, Clemente Pinto e Rafael Marques são interpretados por Emy Lynn, Jacque Catelain e Roger Karl.

«La grande Duchesse et le garçon d'étage» a deliciosa comédia que vimos em Lisboa pela companhia Charlotte Lysés e foi ao mesmo tempo retirada de ensaios no Nacional por imposição do commissário do governo, foi adaptada ao filme pela Paramount. Os principais papéis da espirotuosa obra de Alfred Savoir, são interpretados por Adolphe Menjou e Florence Vidor.

Pierre Marodon, o realizador de «Salambô» segundo Gustave Flaubert, terminou um grande filme «Les voleurs de gloire» segundo uma obra

alemã e vai encetar outra produção tudesca, «L'Honneur dell'au tre» segundo Sudermann, com Germaine Rouer, Henry Krauss, Regine Bouet, Henri Baudin e a vedeta alemã Lote Neumann.

«Warner Brothers» os grandes produtores, são daqueles que não olham a despesas. Assim, o encenador alemão Ernest von Lubitsch ganhará dez mil dolares por filme durante cinco anos e o actor John Barrymore receberá durante o mesmo es-



Se o cão de Claire Windsor, cuja foto publicámos, cabia numa malinha, este cachorro de Norma Shearer leva-lhe a palma visto caber... num cósice



Joan Crawford é a estrela mais recente e aquela que mais depressa deve chegar ao cume da glória. A sua última criação é «Paris» com Charles Ray



O actor sueco Lars Hanson, actual estrela da Metro, e interprete principal de «The Scarlet Letters» adaptação do romance de Nathaniel Hawthorne que a «Ilustração» publica com o título «A Letra Encarnada»



Um «Othello»... verdadeiramente ironizado yankee. Desdémna é Greta Garbo a dinamarquesa que está à cabeça dos elencos da Metro. O Monro de Veneza é o estorvo Lew Cody. A scena de da comédia «Totos»



Dois grandes artistas, Charles Ray e Pauline Starke, na sua obra prima recentemente apresentada na Capital de New-York, «Bright Lights»

paço de tempo quinhentos dolares por filme em que seja vedeta, mais cinquenta por cento dos lucros de exploração!!

■ ■ ■

Buster Keaton, o célebre homem que nunca ri e Gloria Swanson terminaram os seus últimos filmes respectivamente para Metro e Paramount, ingressando em United Artistic onde entra também Norma Talmadge, cunhada de Keaton.

■ ■ ■

Abel Gance que prossegue na realização do seu monumental filme Napoleão, está trabalhando no seu studio de Billaucourt. O filme deve ter uns 4.000 metros e já vão gastos mais de 120.000 metros de negativo!

A LETRA ENCARNADA

Romance por NATHANIEL HAWTHORNE

(Continuação do n.º 11)

Sensacional romance americano, cujo extraordinário êxito se avalia pela tiragem de 2.700.000 exemplares atingida nos Estados Unidos.

Assim cômodamente instalados, estes dois homens de saber se estabeleceram, cada um em seu domínio próprio, mas passando familiarmente de um para outro compartimento, e cada um dêles examinando, não sem curiosidade, as occupações do outro.

E os amigos mais assisados do reverendo Arthur Dimmesdale imaginavam, como já dissemos, e com grandes visos de razão, que fora a mão da Providência que tudo assim dispusera para que se conseguisse o intento — objecto de tantas orações públicas, e domésticas e secretas — de restabelecer a saúde do moço padre. Mas, deve agora dizer-se, outra parte da comunidade tinha, recentemente, começado a formar opinião própria acêrca das relações entre o sr. Dimmesdale e o velho e misterioso físico. Quando uma multidão inculta procura ver com os próprios olhos, corre grande risco de enganar-se. Quando, porém, como usualmente, forma um juízo sobre as intuições do seu grande e generoso coração, as conclusões a que chega são muitas vezes tão profundas e acertadas que assumem o aspecto de uma verdade sobrenaturalmente revelada. O povo, no caso de que falamos, não podia justificar o seu preconceito contra Roger Chillingworth com qualquer argumento digno de séria refutação. Havia, é certo, um operário muito velho, que tinha sido cidadão de Londres ao tempo em que fora morto Sir Thomas Overbury, havia já uns trinta anos, o qual assegurava ter visto o físico, com qualquer outro nome, de que já se não lembrava, em companhia do dr. Forman, o célebre velho mago, implicado no caso de Overbury. Dois ou três indivíduos insinuavam que o homem de arte, enquanto estivera cativo entre os índios, tinha aumentado os seus conhecimentos médicos tomando parte nos encantamentos dos sacerdotes selvagens, que notoriamente eram magos de grande poder, e muitas vezes faziam curas que pareciam milagrosas, pela sua proficiência na arte negra. Muitas pessoas — e grande número delas de tal juízo e tão boas observadoras que suas opiniões seriam de peso em qualquer outro assunto — afirmavam que o aspecto de Roger Chillingworth tinha sofrido notável modificação desde que viera para a cidade, e, sobretudo, desde que morava com o sr. Dimmesdale. A princípio, a sua expressão era calma, meditativa, de um erudito. Agora divisavam-lhe no rosto o que quer que fosse de repelente e sinistro, que anteriormente não haviam notado, e que, quanto mais o olhavam, mais visível se tornava. Segunda ao crech vulgar, o

fogo do seu laboratório procedia das regiões inferiores e de combustíveis infernais se alimentava; por isso, não era de admirar que o rosto se lhe fôsse escurecendo com o fumo.

Em resumo, passou a ser crença de muitos que o reverendo Arthur Dimmesdale, como muitas outras pessoas que se tornaram notáveis por grande santidade, em tôdas as épocas do mundo cristão, era perseguido, ou pelo próprio Satanás, ou por um seu emissário, na figura do velho Roger Chillingworth. Êste agente diabólico tinha permissão divina para penetrar, por algum tempo, na intimidade do padre, e tramar contra a sua alma. Nenhum homem sensato, diziam, podia duvidar de que lado ficaria a vitória. Porém, entretanto, era triste pensar na agonia talvez mortal que o sacerdote tinha que atravessar para chegar ao triunfo.

Mas ai dêle! A avaliar pela sombra e o terror que se liam no fundo dos olhos do pobre ministro, a batalha era rude, e pouco segura a vitória.

X

O FÍSICO E O DOENTE

O velho Roger Chillingworth havia sido, tôda a sua vida, calmo de temperamento, bondoso, ainda que de affectos pouco ardentes, mas sempre, em tôdas suas relações com o mundo, homem probo e justo. Tinha começado uma investigação, pensava êle, com a integridade severa e imparcial de um juiz, só para conhecer a verdade, como se o caso não contivesse senão as linhas abstractas e as figuras de um problema geométrico, em vez de paixões humanas e injúrias a êle mesmo feitas. Mas, emquanto prosseguia, uma fascinação terrível, uma espécie de necessidade feroz, pôsto que ainda calma, tomou o velho em suas garras, e não o quis deixar livre sem que tivesse feito tudo a que ela o impelia. Agora andava êle profundando o coração do pobre sacerdote como mineiro que anda à procura de ouro; ou, antes, como coveiro que abre uma sepultura, talvez para procurar uma jóia que estivesse no peito do morto e com êle tivesse sido enterrada, mas com probabilidade de não encontrar senão mortalidade e podridão. Ai de sua alma, se eram estas que êle procurava.

As vezes, uma luz surgia nos olhos do físico, azul e agourenta, como reflexo de fornalha, ou, digamos, como um daqueles relâmpagos de fogo sinistro que saíam do portal medonho

que Bunyan vira na encosta, e que vinham bater no rosto do peregrino. O solo em que trabalhava êste mineiro sinistro mostrara talvez sinais que o animavam.

— Êste homem — dissera êle a si mesmo num dêstes momentos — puro como o reputam, todo espiritual como parece, herdou uma forte índole animal de seu pai ou de sua mãe. Cavemos um pouco mais na direcção dêste veio.

Então, depois de longa pesquisa do íntimo obscuro do padre, depois de remexer muitos materiais preciosos, na forma de altas aspirações pelo bem da sua raça, de amor ardente das almas, de sentimentos puros, de religiosidade natural, fortalecida pelo pensamento e pelo estudo, e iluminada pela revelação — ouro de valor inestimável que não era talvez mais que lixo para o pesquisador — voltava para trás, desanimado, e começava a pesquisa em outra direcção. Avançava, tateando com tanta cautela, pisando com tanto cuidado, e com vigilância tão atenta, como ladrão que entra num quarto onde está alguém só meio adormecido — ou, talvez, até acordado — com o fim de lhe roubar o tesouro que guarda como a cousa a que mais quer. A pesar de todo seu cuidado, uma ou outra vez o chão estalava; seu fato sussurrava; a sombra da sua presença, numa proximidade vedada, caía sobre a sua vítima. Por outras palavras, o sr. Dimmesdale, cuja sensibilidade nervosa muitas vezes produzia o efeito da intuição espiritual, percebia vagamente que algum inimigo da sua paz se tinha pôsto em relação com êle. Mas também o velho Roger Chillingworth tinha percepções que eram quasi intuitivas; e quando o padre lhe lançava de repente um olhar sobressaltado, logo se lhedeparava apenas o físico — o seu amigo bondoso, atento, afeiçoado, mas nunca importuno.

Talvez o sr. Dimmesdale tivesse visto mais perfeitamente o carácter dêste homem, se uma má disposição, a que são atreitos os corações doentes, o não tivesse feito desconfiar de todo mundo. Não tendo ninguém em quem se fiasse como amigo, não podia reconhecer o inimigo quando êste devesse aparecer. Continuava, portanto, a manter um trato familiar com êle, recebendo todos os dias o velho físico em seu gabinete, ou visitando o laboratório e, para se distrair, seguindo os processos pelos quais as ervas se convertiam em drogas de grande efeito.

Um dia, estava êle à janela — aquella janela que dava para o cemitério — com a testa encostada à mão e o cotovêlo ao parapeito, conver-

sando com Roger Chillingworth, enquanto o velho examinava um molho de plantas feissimas.

— Onde foi — perguntou elle, olhando de soslaio para as plantas — pois era uma peculiaridade do padre que raras vezes, agora, olhava



de frente para qualquer pessoa ou objecto inanimado — onde foi, meu bom doutor, que colheste essas ervas, de fôlha tão negra e tão mole?

— Aqui mesmo no cemitério — respondeu o físico, continuando o exame que fazia. — São novas para mim. Encontrei-as crescendo sobre uma sepultura que não tinha lousa: nada que lembrasse o morto a não serem estas feias plantas, que sobre si tomaram não o deixar esquecer. Saíram-lhe do coração, e simbolizam, talvez, algum segredo hediondo que com elle se enterrou, e que melhor fôra que elle tivesse confessado em vida.

— Talvez — disse o sr. Dimmesdale — elle tivesse muita vontade de o fazer, mas não pudesse.

— E porquê? — tornou o físico. — Porque não? visto que todos os poderes da natureza exigem tanto a confissão do pecado, que estas ervas negras saíram de um coração sepultado para tornar manifesto um crime que ficou por declarar.

— Isso, meu bom senhor, não é mais que uma fantasia vossa — replicou o padre. — Não pode haver, se bem o entendo, poder algum, excepto a misericórdia divina, que descubra, quer por palavras ditas, quer por simbolo ou emblema, os segredos occultos num coração humano. O coração que se tornou culpado desses segredos tem por força que guardá-los, até o dia em que tôdas as cousas occultas se hão de revelar. E eu não li nem interpretei a Sagrada Escritura de modo a supor que a revelação dos pensamentos e acções humanas que então se fará seja destinada a formar parte do castigo. Fôra essa, por certo, uma concepção demasiado simples. Não; essas revelações, a não ser que eu muito me engane, são destinadas apenas a promover a satisfação intellectual de todos os seres intelligen-

tes, que estarão esperando, nesse dia, que se esclareça o escuro problema desta vida. Será preciso o conhecimento dos corações humanos para a completa solução deste problema. E eu presumo, também, que os corações que tem segredos tão deploráveis como esses de que falais os entregarão, nesse dia último, não com relutância, mas com indizível alegria.

— Então; porque os não revelam nesta vida? — perguntou Roger Chillingworth, olhando levemente de soslaio para o padre. — Porque se não valerão os culpados mais cedo desse alívio indizível?

— A maior parte o fazem — disse o padre, apertando de repente o peito, como se sentisse uma dor súbita. — Muita, muita pobre alma me tem feito as suas confidências, não só no leito de morte, mas quando ainda cheia de vida e segura de reputação. E sempre, depois desta confissão, oh, que alívio tenho notado nesses irmãos pecadores! como em alguém que por fim respire ar livre depois de muito tempo sufocar com seu próprio hálito corrompido. Como assim não há de ser? Porque há de um desgraçado — culpado, suponhamos, de uma morte — preferir conservar o cadáver enterrado em seu coração a lançá-lo logo fora, para que o universo tome conta d'elle?

— Alguns homens, porém, assim guardam seus segredos — observou, calmo, o físico.

— E' certo; há homens que o fazem — respondeu o sr. Dimmesdale — Mas, para não buscarmos razões mais evidentes, pode ser que a isso os obrigue a própria constituição da sua indole. Ou — não se poderá supor? — culpados como são, mantendo, não obstante, zelo pela glória de Deus e pelo bem dos homens, recuam de descobrir-se negros e imundos à vista de todos; porque desde que o façam, já nenhum bem podem praticar; já nenhum mal do passado será remido por um melhor serviço. E assim, para seu próprio tormento indizível, andam entre os seus semelhantes, parecendo puros como a neve que acaba de cair, quando seus corações estão manchados e sujos do mal de que não podem libertar-se.

— Esses homens a si mesmos se enganam — disse Roger Chillingworth, com mais alguma ênfase do que costumava usar, e fazendo um gesto breve com o indicador. — Receiam tomar sobre si o opróbrio que justamente merecem. Seu amor à humanidade, seu zelo no serviço de Deus — esses santos impulsos poderão ou não coexistir em suas almas com os hóspedes vis a que suas culpas abriram a porta, e que por força gerarão dentro delas uma prole infernal. Mas, se querem glorificar a Deus; que não ergam ao céu as suas mãos poluídas! Se querem servir os seus semelhantes; que o façam tornando manifesto o poder e a realidade da consciência, que os ooriga à humilhação penitente! Quer tu que eu creia, sábio e piedoso amigo, que uma mostra falsa pode ser melhor — que pode ser mais para a glória de Deus ou para o bem dos

homens — que a própria verdade, que de Deus é? Crê-me, amigo, esses homens a si mesmos se enganam!

— Pode ser — disse o moço padre com indiferença, como abandonando uma discussão que tinha por inútil e inoportuna. Tinha elle uma faculdade pronta, em verdade, de se subtrair a discussão de qualquer assunto que lhe agitasse o temperamento demasiado sensível e nervoso. — Mas, agora, quisera eu perguntar ao meu bom físico se, em boa verdade, lhe parece que tenho aproveitado com os cuidados bondosos que tem dispensado a este pobre corpo meu?

Antes que Roger Chillingworth pudesse responder, ouviram elles o riso claro e descomposto de uma voz de criança, que vinha do cemitério adjacente. Olhando instintivamente da janela aberta — era de verão — o ministro viu Hester Prynne e a pequenina Pearl que seguiam pela vereda que atravessava aquele terreno. Pearl estava linda como um dia lindo, mas num daqueles seus momentos de alegria maliciosa que, quando se davam, pareciam afastá-la inteiramente da esfera das afeições e do trato humano. Lá saltando irreverentemente de uma campa a outra; até que, ao chegar à ampla lousa, plana e brasonada, de um illustre extinto — talvez do próprio Isaac Johnson — começou a dançar em cima dela. Em resposta à ordem e pedido, que a mãe lhe fêz, de que se portasse com mais juízo, Pearl parou e começou a colher os pegamassos pontiagudos de uma bardana alta que crescia ao pé da sepultura. Pegando numa mancheia d'elles, foi-os dispondo pelas linhas da letra encarnada que decorava o peito materno, ás quais os pegamassos, como era próprio d'elles, aderiram bem. Hester não os tirou.

Já Roger Chillingworth tinha chegado à janela e estava olhando para baixo com um sorriso irónico.

— Não há lei, nem respeito por autoridade, nem consideração por opiniões ou regras humanas, boas ou más, na indole daquela criança — observou elle, falando tanto para si como para o seu companheiro. — Vi-a, o outro dia, salpicar de água o próprio Governador ao pé do bebedouro do gado. Santo nome de Deus, que é ella? Aquele diabrete será de todo mau? Terá afeições? Terá algum princípio de existência que se possa descortinar?

— Nenhum, salvo a liberdade de uma lei violada — respondeu o sr. Dimmesdale, brandamente, como se estivesse discutindo o caso consigo mesmo. — Se é capaz do bem, não o sei eu.

E' provável que a criança lhes tivesse ouvido as vozes; pois, olhando para a janela, com um sorriso lindo, porém maldoso, de alegria e de esperteza, atirou com um dos pegamassos ao reverendo sr. Dimmesdale. O padre, mórbidamente sensível, recuou, com susto nervoso, do pequenino projectil. Dando pela sua emoção, Pearl apertou as mãozinhas com alegria fantástica.

(Continúa.)

A REVOLUÇÃO NO PALÁCIO DE BELEM

Toda a imprensa se tem occupado com a maior largueza — por certo bem justificada — dos últimos acontecimentos revolucionários. Desde que o general, arremessando ao país a sua primeira proclamação, soltou em Braga o brado da insurreição militar, tudo empalideceu sob o ponto de vista do interesse público. E os jornais, dando aos acontecimentos todo o relevo que lhes têm dado — e que só nos primeiros dias, até a exoneração do gabinete da presidência do sr. António Maria da Silva, a censura pôde contrariar — nada mais têm feito do que satisfazer a ansiosa avidéz da opinião. A reportagem, neste ensejo excepcional que se lhe offereceu, deu bem a medida do que é capaz e realçou, na verdade, uma admirável performance na qual se distinguu — e merecidos louvores por isso lhe têm sido prestados: — o distinto jornalista sr. Norberto Lopes, que, no *Diário de Lisboa*, marcou pela precisão inci-

siva dos pormenores, pelo flagrante realismo dalguns descriptivos *sur le vif* e até pela discreta sagacidade com que, dando mostra dum apurado sentimento da oportunidade, assinalou os seus dotes de *reporter*. Quem, porém, daqui a cincoenta anos quizer fazer pelos jornais desta febricitante quinzena a história exacta dos acontecimentos, ver-se há deversas embaraçado para *demeter* da exuberante floresta dos detalhes contraditórios a successão e a simultaneidade de factos a que os jornais têm alludido. Em compensação e a despeito do *trop de zèle* com que a imprensa, batendo a todas as portas, e forçando-as mesmo, conseguiu traçar a narrativa ofegante dos acontecimentos, alguns episódios e *fait-divers* estão ainda inéditos. Dada a minha situação, que então tinha, de secretário particular do Chefe do Estado, creio poder fazer esta asserção sem que a taxem de impertinente. Evidentemente que o meu dever, selando-me os lá-

bios, impõe-me ainda, por compreensíveis melindres, não só pessoais, mas até políticos, a obrigação de ser discreto... Dura obrigação para quem, como eu, tem no sangue, contraído em mais de doze anos de combativa actividade jornalística, o gosto de ir ao encontro da Verdade, em linha recta e de pena em rist, sem me deter nas conveniências que, tantas vezes, são as encruzilhadas onde ela se perde e prostitui! A história dos últimos acontecimentos há-de fazer-se um dia. Virá então tudo. E se neste declínio da flamante combatividade doutros tempos, em que definitivamente me vou cingindo à minha vocação de homem de letras, não chegar a converter-se em desprezo absoluto o tédio das querelas públicas, eu serei um dos depoentes... A revolução militar, vista do Palácio de Belem, no murmúrio dos comentários e das revelações, tem aspectos interessantes. Eu vi o sr. António Maria da Silva, no meu gabinete, contiguo ao do Presidente, comunicando pelo telefonio para o Porto e para outros pontos: primeiro, a sua serenidade, depois a energia calma com que soube recalcar, sorrindo até, o desânimo que a minha observação, espionando-o, por curiosidade analítica, enxergava por detrás da sua fleugma... Quando a carta do comandante Cabeçadas a intimar a exoneração do governo chegou ao Presidente levada pelo sr. Alfaro — este nome ainda não appareceu nas gazetas senão muito sumidamente — a convicção da derrota não coagulara ainda, mas pairava sobre todos, no Palácio, como uma sombra ténue. Mas, coisa curiosa! ao contrário de há oito anos, porque então tinhamos diante de nós a visão do C. E. P. a desmoronar-se, em ninguém vi o *ritus* da amargura. Tinhamos simplesmente sono — e o Presidente nem isso. Defectismo? Resignação perante a *guigne* que parece acompanhar há muitos anos, depois de tantos triunfos, a carreira pública de Bernardino Machado? A única coisa que todos — mas todos! — nos admiramos foi do Presidente que, aos 75 anos, dormiu na noite de 30 para 31, um quarto de hora contado pelo relógio, e que, no meio de tantos homens em pleno vigor e rapazes de trinta anos, que caíam de sono, era a única creatura até o fim apumada, como sempre pulida e calma, dir-se-ia que requintando na extrema cortezia, em face dos acontecimentos que batiam em cheio na sua velhice com o fragor da tempestade. Eu vi chegar, acompanhado pelo capitão Cabeçadas, e por outros, todos à paisana, o tenente Vilhena — moreno como um árabe, olhos negros e buliçosos, patriota incandescente dos cafés da Baixa, que a lufada revolucionária erguera, finalmente, ao plano das figuras em destaque e que, à saída do gabinete do Presidente, dizia sorridente e desenvolto:

— Está agarrado à Constituição. Ora se nós temos a força para que é preciso a Constituição?

Eu vi na tarde de 31 — ao cair da tarde — no vão da janela da sala vermelha, falando com o dr. Lopes de Oliveira — cujos bigodes gaulêses pareciam mais do que nunca enriçados radicalmente! — já presidente do ministério e vestindo uma farda no fio, o comandante Cabeçadas. Estava ao pé d'elles, hirto, abstracto na contemplação interior dos seus cordões reluzentes de official aos ordens, o tenente de marinha Juliano de Carvalho. Um alferes, de três palmos de altura, fato de cotim e polainas, passeava na sala com as mãos atrás das costas. Eu vi — e ouvi...

Ah! o que eu ouvi. Foi pouco. Mas esse pouco se aqui o escrevesse estalaria como uma bomba. Ponha-se o leitor a scismar, a parafusar, a adivinhar. Esse segredo fica nesta página como uma incógnita formidável, com um formidável ponto de interrogação. Nem que o general me grite! Não digo. Se lho dissesse — êle desembainharia a espada e eu tenho medo.

Luiz P.

Restabeleceda a ordem publica sem

violentas colisões e entregue a constituição d'un ministerio nacional e t. U. a quem a Republica confia, a minha renuncia está cumprida.

Vou, por isso, ~~depois~~ ao Presidente

A Congregação legislativa a minha renuncia e a entrega da Republica a quem a Republica confia, a minha renuncia está cumprida.

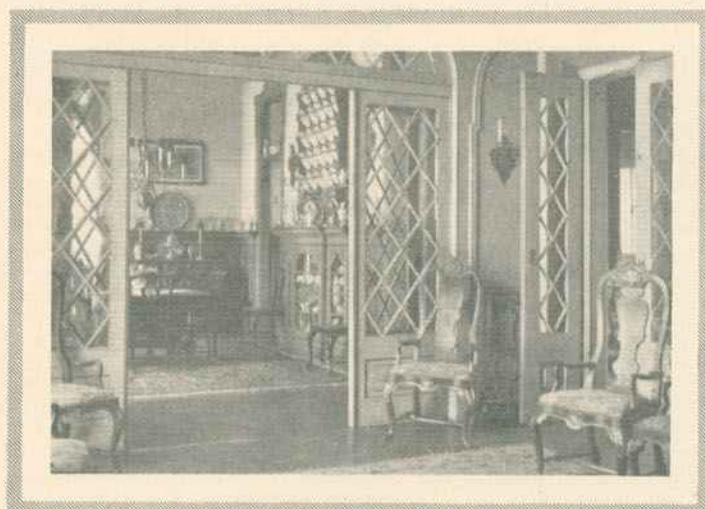
o presidente da Republica e a minha renuncia está cumprida.

B. M.

«Fac-similes do primeiro rascunho da carta que, formulando a sua renúncia, foi pelo sr. dr. Bernardino Machado dirigida ao sr. Comandante Cabeçadas»



A CASA PORTUGUESA

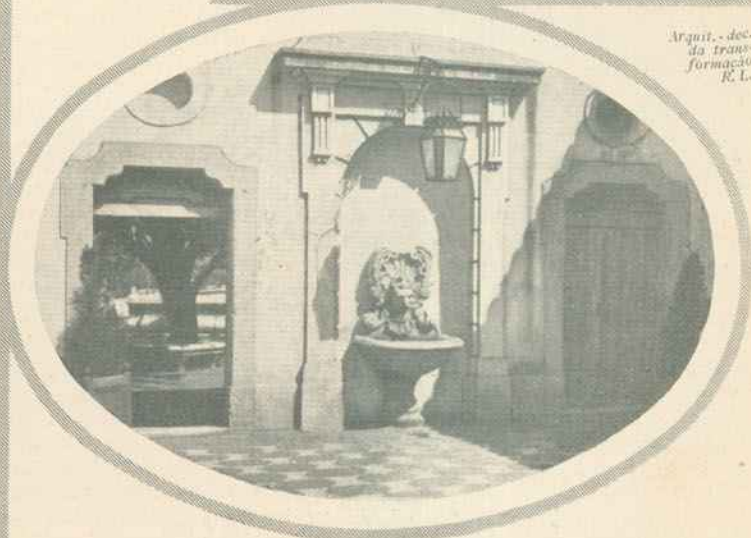
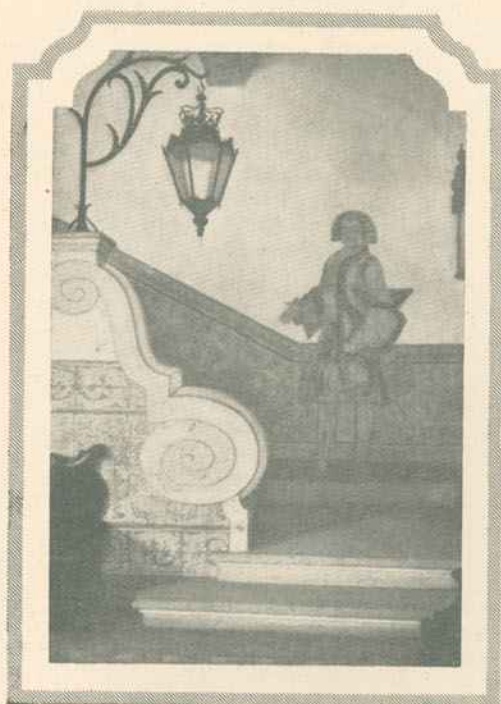


CASA DE S. SEBASTIÃO
DA PEDREIRA
PAÇO DO LUMIAR



ESTA CASA FOI ADQUIRIDA, HÁ ALGUNS ANOS, PELO SNR. LUÍS FERNANDO BON DE SOUSA ROXO, QUE LHE FEZ VÁRIAS OBRAS DE ACRESCENTAMENTO E DECORAÇÃO. ORNAM AS PAREDES DAS PRINCIPAIS SALAS, ESPLÊNDIDOS AZULEJOS POLICROMOS ANTIGOS; MAS A SALA DE JANTAR—TODA REFORMADA—LEVOU MADEIRA DE RODA E UM GRANDE ESCAPARATE EM QUE O TOM AZUL PATINADO DA MUITO REALCE AS PRATAS ANTIGAS E ÀS RICAS LOUÇAS ORIENTAIS

NO ÁTRIO DO PALACETE, O FIGURÃO DE AZULEJO QUE DURANTE MAIS DE SÉCULO E MEIO DEFRONTOU COM OS VISITANTES ATRAVÉS DE UMA ESTREITA PORTA, PODE AGORA FAZER SUA CORTEZIA NUM GESTO MAIS LARGO E ABRANGER—MERCÊ DO ROMPIMENTO DA PAREDE—TODO O ÂMBITO DA ENTRADA



Arquit. - dec.
da trans-
formação
R. L.



VIDA SCIENTÍFICA



OS GASES ASFIXIANTES

A aparição dos gases asfixiantes na Grande Guerra ocasionou ruidosos protestos contra a barbaie germânica, alcunhando-se de cobarde esta nova arma, que espalhou o terror, até que os aliados se muniram de máscaras protectoras e responderam, por seu turno, com ondas e nuvens de gases igualmente daninhos. A intoxicação pelos gases se atribuiu grande número de doenças que apresentavam os antigos combatentes, após a guerra.

Os gases estão, porém, em véspera de serem reabilitados, se o não estão já por completo, pois o seu emprêgo em tempo de paz, tornou-se extremamente útil.

Um desses gases, o cloro, era há muito consi-



Aparelho regulador da entrada do cloro

derado como poderoso desinfectante e largamente utilizado, sob a forma do vulgar cloreto de cal, conhecido de toda a gente. Já era igualmente usado na esterilização da água potável. Hoje é empregado, com bom resultado, como agente terapêutico na cura de diversas doenças pulmonares e como preventivo mesmo da tuberculose. Já fôra observado em indivíduos, que na guerra tinham sido gaseados com cloro, que a sua acção lhes fôra benéfica, precavendo-lhe a garganta, o nariz e os pulmões contra novas infecções. O cloro é, de facto, um gás irrespirável, asfixiante, em recinto fechado; mas ao ar livre, com a natural expansão dos gases, diluindo-se na atmosfera, a sua acção é menos prejudicial, podendo-se mesmo fugir a ela com facilidade.

O ar atmosférico, levemente carregado de cloro, apenas o bastante para que o cheiro de-

note a sua presença, tem propriedades curativas para a simples constipação, a gripe, a bronquite, a laringite, a faringite, a tosse convulsa, etc. Consiste o tratamento em manter, durante cerca duma hora, o doente num quarto hermeticamente fechado, em que se faz penetrar o cloro, na fraquissima percentagem de dois centimiligramas por litro de ar. Num gabinete, contiguo ao quarto, dispôse-se o aparelho regulador da entrada do cloro, como se vê na gravura junta, accionado por um motor eléctrico, e que a todo o momento permite verificar a percentagem de gás na câmara de tratamento.

As pragas dos variadissimos insectos que infestam as florestas, destruindo grande número de vegetais uteis, podem ser eliminadas igualmente pelos gases venenosos. Um aviador no seu aeroplano, voando sobre a floresta, pode despejar sobre ella uma nuvem de gás, que o vento se encarregará de espalhar, e que em pouco tempo destrói os insectos daninhos.

Os gases lacrimogêneos, usados durante a guerra, eram dos mais incómodos, por terem a propriedade de provocar as lágrimas em tal abundância e acompanhadas de dores nos olhos, que os atacados ficavam virtualmente cegos, até que levados para o ar puro a acção do gás desaparecia por completo, em poucos instantes, sem deixar perturbação alguma na vista. Pois bem, a policia americana usa o mesmo gás para dispersar ajuntamentos recalcitrantes, tão eficazmente como com o emprêgo da agulheta dos bombeiros, lançando jactos de água sobre os manifestantes. Basta-lhe agora fazer explodir uns pequenos cartuchos de pólvora sem fumo, a que se adicionou o cloreto de cianogénio, que é o principio activo do gás lacrimogéneo. A fama dos gases asfixiantes é tal que basta saber-se que a policia vai fazer uso d'elles para que a multidão disperse apavorada.

Para desinfecar os porões dos navios, infestados de ratos, baratas, etc., faz-se uso, com grande êxito, do gás cianídrico, extremamente venenoso, mas quasi sem cheiro, e que tem vitimado algumas vezes as primeiras pessoas que lá entram, julgando a atmosfera já purificada. Para acusar a presença do gás mortífero, junta-se-lhe um pouco de gás lacrimogéneo, cuja presença é logo assinalada pelos olhos das pessoas que se aproximam das aberturas dos porões, prevenindo-as assim do perigo de lá entrarem, sem os ventiladores de bordo terem funcionado.

Os gases lacrimogêneos foram experimentados, também com bom resultado, na defesa das ourivesarias e outros estabelecimentos de objectos de valor: o gatuño, ao entrar, coloca o pé inadvertidamente num pedal, que faz funcionar

o aparelho produtor de gás, obrigando-o a desfazer-se em lágrimas... por não poder cometer o roubo premeditado e cair na ratoeira que lhe fôra armada.

AS ESTRÊLAS CADENTES

Nas noites serenas de verão quem contemplar o céu, durante algum tempo, vê de súbito sintilar uma estrela cadente, atravessando rápida o espaço com o seu rasto luminoso, semelhante ao do foguete, e sumir-se na linha do horizonte. Ocasões há em que a aparição destes meteoros é tão abundante que se transforma em verdadeira chuva de estrelas, como succedeu em 1833, por exemplo, em que se calculou que caíram mais de duzentas mil por hora.

Esses meteoros são simples particulas de matéria interplanetar ou interestelar, que ao percorrerem a sua órbita através do espaço, entram na esfera de atracção terrestre, animados da sua enorme velocidade. O atrito, ou a resistência que o ar oferece à sua passagem, é de tal ordem, que os torna incandescentes, consumindo-os por completo e desaparecendo, por assim dizer, queimados.

As dimensões destas particulas errantes são muito pequenas, talvez menores do que ervilhas, como se deprende da velocidade que trazem e da luz que emitem, pois que se não conseguem medir doutra forma.

Os bólidos não se podem considerar as estrelas cadentes, visto que as suas dimensões são muito grandes, chegando a pesar toneladas. Devem ser porém da mesma natureza, pois se tornam incandescentes ao cruzar a atmosfera, produzindo deslumbrante clarão que illumina as vezes quasi como a luz do sol, havendo noticia dalguns que rebentam com fragor, caindo os estilhaços na terra, que depois vão enriquecer os nossos museus, como se pode observar no de Mineralogia da Faculdade de Sciéncias de Lisboa.

Tem-se analizado algumas destas meteorites, formadas por diversas rochas, semelhantes ás que se encontram na Terra, ou por massas de ferro quasi puro, — o chamado ferro meteorico, — denotando assim que a sua composição é sensivelmente a mesma, seja qual fôr a sua proveniência que até hoje permanece no campo das hipóteses.

A observação destes fenómenos é extremamente difficil, pela rapidez da queda dos meteoros e pelo seu imprevisito, que nada nos pode fazer antever.

JOÃO E. SEGURADO.

COIMBRA

.. Passava as noites metido no meu quarto, a fumar, a ler e a scismar,—um quarto ao rés-do-chão, tendo apenas uma janela para a rua do Cabido, muito íngreme e estreita. Um muro branco de cal, a metro e meio de distância, era o único panorama que eu disfrutava da janela. Ainda tenho nos olhos a lividez da quele muro, aquela nódoa branca de cal, uniforme e lisa,—só brancura, mais clara quando lhe batia o sol, escurecida da humidade nos dias invernosos, e onde um candeeiro de petróleo espalhava, durante a noite, como um palor funéreo. Nesses tempos (1897) a iluminação das ruas tinha uma tristeza lúgubre. Sob o Arco de Almeida, uma alma do outro mundo, ardendo, dava uma certa claridade àquele sitio cavernoso e medieval. Em Sub-Ripas, bruxuleava, numa escuridão subterrânea, outra alma penada; outra, no Arco do Bispo, na Sé Velha, na rua do Norte, sob os Arcos do Jardim. Era uma cidade, no meu tempo, iluminada a almas do outro mundo; uma cidade de sombras imóveis, tendo cada uma, nas mãos, uma luzinha triste. E que silêncio antigo espargia, naquelas sombras, o vulto enorme da Sé Velha! Séculos e séculos petrificados numa arquitectura, muda e negra, que se dilata, ao luar, em formas espectrais duma grandeza que faz medo.

A não ser alguma serenata, as quartas e aos sábados (uma guitarra a gemer num grupo de capas negras), a vida noturna concentrava-se toda nas ruas da Baixa, que pertenciam já a este mundo. Tinham uma luz de realidade a sair das *vitruines*, batendo em chapa nas esquinas e nas paredes ilustradas de *réclames*: *Os Humildes*, (a sair brevemente) por Alexandre Braga. *Estrêla d'Alva*, por Alberto Pinheiro Tórreres, à venda em todas as livrarias, etc., etc.

Nos passeios, era um vai-vem de estudantes, aos grupos: os lisboetas esbranquiçados, duma elegância característica, fina e vulgar, dentre Alfama e Estrêla. Rodeiam o seu idolo,—o Afonso Lopes Vieira, menino e moço, cultivando a sua attitude (essa flor!) de olhos verdes no Azul e uns enormes colarinhos brancos e moles, caindo-lhe no peito, por cima da gola da batina. Estou a vê-lo, muito elegante e perfilado, dentro duma redoma, em companhia quasi inseparável do Alberto Pinheiro Tórreres, magrinho e amarelado, inclinando a face contraída, numa expressão de tédio superior, pelo aro do monoculo—uma espécie de vidraça intelectual, onde a alma cola o nariz, com uma certa insolência que não deixa de ter graça.

Passam os beirões corpulentos, trigueiros e cabeludos, de móca debaixo da capa, criados em serranias inhospitas, com os lobos de Viriato.

Passam os transmontanos, loiros e fortes, com o seu ar remoto d'Além-Marão, que oferecem uma facada ou os últimos cinco reis, no primeiro repente de ira ou de bondade. Passam os minhotos, mais pacíficos e gordos. Frequentam quasi todos Teologia. Passam os alentejanos da Moirama, que se esqueceram de Alá e não se lembram de Cristo. Andam nas ruas de Coim-

bra, como outrora, no tempo em que a Sé Velha era mesquita.

Passam os algarvios, de olhos negros e luzidios, numa algazarra de vozes ancestrais sobre assuntos da actualidade.

Lá veem agora os ilheus e o Francisco Machado de Faria e Maia, muito distraído, a acender cigarros que deita ao chão e a meter na bôca os fósforos apagados. Um excelente rapaz que passeia nas solidões da lua e frequenta as aulas de Direito—omnipresente como os Poetas, já que os Deuses se esqueceram de existir.

Passam e tornam a passar, em ondas de vida juvenil. Passam os tímidos e os pacatos, futuros chefes de familia exemplares, que deixaram a noiva escolhida, na terra natal, a bordar-lhes a pasta de quintanista, e vão para casa estudar, ao primeiro toque da *cabra*.

Passam os estouvados, de cabeleira revólta, a capa a rastos e em farrapos e uma luz de perdição nos olhos negros. Vão para casa, na companhia da Aurora, uma tricana celeste, em vaga aparição doirada, na escuridade das ruas medievais...

Passam e voltam a passar, em frente das vitruines deslumbrantes; e as suas cabeças resplandecem, e as fisionomias adquirem uma grande nitidez. Saem dos sitios escuros para a luz, riem, falam alto! Aparecem violentamente, rasgando a sombra às gargalhadas, aqueles perfis que se iluminam! Rompem do invisível, elevando ao rubro da alegria! Mas os tristes macambuzios passam rentes às paredes, como sombras. Não há luz que os desenterre. Têm algum santo na familia.

Esta noite é véspera de feriado. Passeio na Baixa, protegido por um quartanista—eu, um misero caloiro d'Entre Douro e Minho, enevoado de saudades, como um penedo do Marão, espantado de tudo e de todos, como se acabasse de nascer! Quis fugir à solidão do meu quarto e aos meus espectros familiares, pessoas queridas que ficaram escondidas na distância, como dentro dum sepulcro. Mas não lhes podia fugir. A saudade convertia-os em seres fantásticos e presentes. Viviam comigo no pequeno quarto da rua do Cabido (n.º 10); e com elles divagava também pelas ruas da cidade, pelas estradas dos arredores. Estivemos todos na *quinta das Lágrimas* de Inês, que haviam perdido o calor e a amargura, sob a acção benéfica do tempo; na *Lapa dos Poetas*, a ver as barbas cegas do Castilho, onde as abêlhas pousavam, zumbindo, e as aranhas teciam fios e fios de luar. Estivemos em Celas, Santo António, no Penedo, no Choupal, e fomos a Tentugal comer pasteis fabulosos, do tempo das freiras de Camilo, por que a saudade come conosco à nossa mesa e bebe do nosso copo. Era eu, era ela, meus pais, irmãos, o Camilo da Silveira que me escrevia cartas em verso, ilustradas pelo Manuel Monterroso. Este Camilo era um santo de quarenta anos, alto e gordo, de bigode e móca arrebitada, numa cara redonda e luarenta, a fumar uns cigarinhos finissimos por uma cigarreirinha

de três palmos. Num baile é que elle era elle!—uns pés enormes e alados e um sorriso etéreo para as damas, e uma frase de ingénio romantismo:

—Regar flores, foi sempre a minha paixão, dizia elle a uma dama que lhe pedira um copo de água.

Estes fantasmas não me deixavam sozinho, no meu quarto. Mas hoje é véspera de feriado. Estou numa rua da Baixa, a ver passar os estudantes; figuras e figuras desconhecidas, relampejando, na claridade das *vitruines*, certas expressões de simpatia ou antipatia, de beleza ou fealdade, humildes ou orgulhosas, que se nos pintam, como retratos vivos, na memória. Nunca mais se esquecem! Tenho um muzeu do Prado na memória. Lá estão os *Borrachos*, de Velasquez, um *Cristo pataqueiro*, do Rivera, uma *Virgem*, de Murillo, que mora na rua do Corpo de Deus e os *Fusilamentos de Goya*, essa tela enorme e ensanguentada que eu roubei às chamas do poente. Lá estão os reis da primeira dinastia, que se parecem, lá em cima, na parêde, com os velhos lentes, sentados, cá em baixo, na sala dos capêlos. Lá está o perfil do Fausto que é um Velasquez, o de Alexandre Braga que é um romance aéreo e desgrenhado, o do Augusto Gil, que é uma escultura assanhada contra o escultor, o do Lopes Vieira que é um Wateau, a ouvir o rouxinol de Bernardim, o do João Lucio e o Reyno dos Algarves naquela sua imagem esguia e branca, de cabeleira doirada, ao vento, toda manhá de abril, o do João Direito, muito nervoso e trigueiro, de olhos negros e espantados, com as duas azas da capa sempre abertas, flutuando .. Subira ou descera do inferno transmontano (inferno e inverno) a estes Campos Elísios do Mondego. Era natural de Bragança, uma cidade tão remota que só existe nos mapas da antiguidade...

E outros, e outros... Alguns, morreram, como o João Lucio! Outros vivem ainda. Mas sempre que invoco estas belas figuras do meu Passado, (as que ainda vivem e as que já morreram) amo-as, agora, de tal maneira, que surgem, diante de mim, como se viessem todas do outro mundo.

Na verdade, o Fausto, o Gil, o Direito, o Pascoaes de 1897, atravessaram o Estigio, há muito, na barca do Caronte. Divagam nas avenidas ensombradas do Tártaro, como outrora na Estrada da Beira ou no Largo de Sansão. Por lá andamos à nossa espera, à espera do encontro final e absoluto. Somos um corpo vivo e um fantasma, o perto e o longe, um peregrino da Vida-Láctea e um transeunte do Chiado...

Estou aqui, na minha casa de campo, frequencia de Gatão, a escrever estas *Memórias* e a sentir passar o inverno de 1925, e estou, ao mesmo tempo, em Coimbra, nas ruas da Baixa, vestido de estudante, na flor da vida!...

(Das *Memórias da Infância e Mocidade*)

COLÓNIAS PORTUGUESAS

A COLONIZAÇÃO DE ANGOLA

Sabem que por algum tempo a convulsão produzida pela grande guerra alterasse o sistema das fundamentais leis económicas, pelo menos nas suas manifestações aparentes, o que é verdade é que, passado esse período, de novo nos encontramos em pleno vigor dessas leis.

dade de origem portuguesa, não ultrapassa trinta mil.

Estas cifras não estão, de modo algum, em harmonia com a extensão territorial que anda por 1.260.000 quilómetros quadrados.

Ao fraco quantitativo da população indígena há que acrescer outras considerações pouco animadoras: a sua fraca prolixidade, a grande mortalidade infantil e o desvaste anual feito

para ano, esse aumento se realiza numa razão de infimo valor, irregular; umas vezes maior, outras menor, actualmente de valor decrescente.

Eis os elementos com que há que contar, no momento actual, em Angola, para colaborar com o capital e a terra, na produção da riqueza.

Nas várias raças indígenas que povoam Angola muito diferem as características; e se umas se dedicam francamente ao trabalho, outras há que só o executam quando a isso coagidas pelo branco ou pela fome e, neste último caso, só na medida do absolutamente indispensável.

Vivendo ainda num estado primitivo, selvagem mesmo, as necessidades do indígena são mínimas, pelo que o esforço para as satisfazer mínimo é também. E, como a natureza pôs à sua disposição um solo pletórico de seiva, um humus de milhares de anos acumulados, anciano por tornar-se fecundo, o indígena usa dos mais rudimentares processos na agricultura, pelo que a produção, além de escassa, é de inferior qualidade.

Para que ele mude de processos é necessário que o branco lhe ensine os novos métodos de cultura intensiva, que o adapte ao uso dos preceitos que a ciência agronómica nos indica como os mais eficientes. É preciso sacar o indígena desse estado de apatia selvática e torná-lo um elemento útil, não só a si mesmo, mas a toda a humanidade. E isso só será possível pela acção do branco, quer orientando-o e ensinando-o na execução das próprias culturas indígenas, quer obrigando-o a vir prestar o auxílio do seu braço às culturas executadas pelos colonos.

Ora essa acção do branco, do colono, em Angola, só será verdadeiramente eficaz quando, em lugar de 30.000 colonos, haja lá três, cinco, dez, vinte vezes mais.

Eis a razão porque é necessário colonizar Angola; além de razões de outra ordem, de natureza política e social.

Alguma coisa tem feito o país nesse sentido, mas é pouco; tão pouco que quasi nada representa. Quasi só temos legislado sobre colonização, continuando, porém, os nossos emigrantes a dirigirem-se para o Brasil e para a América do Norte.

A colonização oficial, isto é, feita por iniciativa e sob a protecção do Estado, tem falhado sempre, dentro de maior ou menor espaço de tempo. E, se abstrairmos da colónia madeirense,

de que ainda hoje existem uns restos, e da colónia piscatória, quasi nada mais fica do que a acção dos degredados que foram quem mais sensível acção colonizadora exerceu, até hoje, em Angola.

Quanto a colonização livre, isto é, aquela que se exerce por iniciativa própria, sem protecção alguma do Estado, essa é tão restrita que a sua influencia no crescimento da colónia é mínima.

Houve, há anos, quando do alto commissariado de Norton de Matos, uma esperança em que a emigração portuguesa se desviasse para Angola; mas pouco durou essa esperança, porque os emigrantes, uma vez desembarcados de toda e qualquer assistência oficial. Queriam aplicar a sua actividade em qualquer coisa e o governo de Angola, em vez de lhes proporcionar meios de vida, abandonou-os à



Quedas do rio Luçala

E assim, hoje como ontem, a produção da riqueza é o fruto da acção de três unicos elementos: terra, trabalho e capital.

Aplicando este principio ao fomento da nossa provincia ultramarina de Angola e procurando determinar o potencial de cada um desses elementos, verificamos que, por agora, só a terra se nos apresenta com elevado expoente, ao passo que trabalho e capital figuram em quantitativo tão diminuto, proporcionalmente, que a produção é infima.

Logo, há que cuidar do problema de modo a aumentarmos, na devida proporção, o valor do trabalho e do capital, isto é, há que criar elementos de trabalho e capitais.

Neste curto artigo apenas nos referiremos aos primeiros, deixando para outra occasião os segundos.

O trabalho em Angola é representado pelo braço dos indígenas e pelo dos colonos. E ao passo que o primeiro, segundo os calculos optimistas, não vai além de quatro milhões de almas, o número de colonos, na sua quasi totali-

pela doença do sono, pela sífilis e pelas feras (crocodilos, palancas, etc.)

Quanto ao número de colonos, verifica-se pelas estatísticas que, embora ele aumente de ano



No interior de uma fazenda do planalto de Benguela

sorte. E assim, eles passaram fome, dormiram ao relento, sofrendo as febres palustres e todas vicissitudes da miséria. Vendo-se tratados e acolhidos com menos carinho que os pretos, os que não morreram regressaram à metrópole, esmolando entre os compatriotas o preço da passagem.

Este quadro triste foi a última machadada sobre a colonização portuguesa em Angola.

De há já alguns anos, existiam em Angola algumas colónias de boers que uma lei tornou cidadãos portugueses. Muitas esperanças se puzeram nessas colónias, mas, um pouco pelo feitiço dos boers, bastante pela política feita pela União Sul Africana e alguma coisa pelas dificuldades burocráticas postas às concessões de terrenos pedidos pelos boers, essas colónias diminuem muitíssimo dia a dia e a sua acção é, por vezes, suspeitosa e não isenta de perigos para a nossa soberania.

Uma vez reconhecido o estado em que se encontra a colonização de Angola, averiguadas as causas que nela tem influenciado, conhecidos os erros, porventura praticados, poderemos enfrentar o problema e procurar-lhe as soluções.

Para as conseguirmos teremos que assentar primeiro na resolução de admitirmos, ou não, a colaboração de colonos estrangeiros. E sobre isso parece-nos não podermos hesitar.

Dada a necessidade que Portugal tem de fazer, internacionalmente, uma política baseada na rápida e urgente exploração económica das suas colónias, na sua valorização e completa ocupação; considerando que somos um país pequeno em população e que a emigração para a América, tanto do norte como do sul, nos desfalca, anualmente, nalguns milhares, digamos mesmo, dezenas de milhares de almas, seria um erro fecharmos as portas de Angola à colonização estrangeira.

Mas, convidando-nos admiti-la, devemos ser prudentes e práticos. Limitá-la por forma a que o número de colonos portugueses em Angola seja sempre muito superior ao de estrangeiros; colocar nas mãos de portugueses a maior parte da riqueza agrícola, industrial e comercial; promover que os nossos nacionais ocupem as melhores posições em todas as circunstâncias. Convém ainda que os estrangeiros que em Angola se estabelecem, sejam oriundos de várias raças e de vários países, para que os seus interesses se entrecroquem: como convém exigir-se-lhes que disponham por si, ou por responsabilidade dos seus países, de recursos que os habilitem a entrarem imediatamente em acção, dispensando qualquer assistência material por parte do governo português, a não ser a concessão de terras, sem direitos de transmissão a indivíduos ou entidades estrangeiras à colónia e sem autorização do governo português.

Assentando pois, na admissão de colonos estrangeiros, poderemos analisar as pretensões de vários grupos italianos, alemães e judeus que, semi-oficialmente, tem mostrado desejos de se estabelecerem em Angola.

Os italianos, como colonos, apresentam qualidades aproveitáveis: são trabalhadores, de hábitos pouco exigentes e de regular conduta moral; tem, porém, o defeito de se não fixarem nos países para onde imigram, regressando à pátria, volvidos alguns anos, depois de conseguirem modestas economias.

Nestas circunstâncias, é de recelar que abandonem as terras que lhes tenham sido concedidas, sem que tenham procurado aumentá-las e valorizá-las para constituir as grandes *farms*.

Uma legislação adrede feita pode, porém, de certo modo, corrigir ou, pelo menos, atenuar os efeitos desta fraca propriedade de fixação.

Os alemães podem ser considerados como bons colonos, visto que são trabalhadores, obedientes a todas as indicações técnicas que os competentes lhes dêem; reproduzem-se com enorme profligidade, conservam o gosto pela habitação sã e confortável, procuram valorizar as suas propriedades e não pensam no regresso a Alemanha.

Há, porém, que atender à sua mania rãica de pangermanismo, que os leva a estarem sempre prontos a atraírem tudo e todos para a conquista do país que gentilmente os acolhe.

Nestas circunstâncias, é necessário limitar o

seu número, estudar a sua localização e vigiá-los de perto, sempre em harmonia com uma política de defesa contra a sua mania atávica de domínio mundial.

Finalmente os judeus, quer sejam arménios, russos, slavs ou polacos, diz-nos a experiência do que com eles se passou na Argentina e no Brasil, que são mediocres colonos, sem nenhuma qualidades que os recomendem.

Apuradas as qualidades dos colonos de várias nacionalidades que desejam ir estabelecer-se em Angola, convém fixarmos as condições da sua admissão. E, nesse caso, deveremos considerar a sua entrada em Angola ou em pequenos grupos de famílias ou, então, em grandes núcleos das mesmas.

Na primeira hipótese, as nossas autoridades consulares deverão negar o seu visto aos passaportes de quaisquer emigrantes estrangeiros, destinados a Angola, que não disponham dos recursos iniciais para exercerem a sua acção como colonos e agricultarem as terras que o governo de Angola lhes conceda. Esses recursos só serão dispensáveis quando os emigrantes estejam contratados, como assalariados, por quaisquer empresas, nacionais ou estrangeiras, de Angola.

A concessão de terras a estes colonos estrangeiros, deve subordinar-se, inteiramente, a um plano de defesa contra quaisquer tentativas futuras de alteração na nossa completa e única soberania em todo o território da província.

Na segunda hipótese, tratando-se da entrada de núcleos importantes de colonos de qualquer nacionalidade, o assunto deverá ser tratado pelo governo de Angola com os governos dos países de origem dos emigrantes, e nessa *entente* fixado o número de famílias, os recursos de que devem dispor inicialmente, as concessões de terrenos que lhe podem ser feitas, etc., etc. E, neste caso, como no anterior, uma política de defesa deverá ser rigorosamente adoptada.

O que deveremos, também, não esquecer, é que, se para Angola há uma necessidade da colaboração de colonos estrangeiros, para rapidamente podermos valorizá-la economicamente, a essa necessidade corresponde uma muito maior, por parte de algumas nações, de mandarem para lá os seus emigrantes, para que eles se estabeleçam e prosperem.

Esta circunstância, aliada ao indiscutível direito de permitirmos ou não a entrada e a fixação de colonos de qualquer nacionalidade, conduz-nos a podermos tirar apreciáveis vantagens das autorizações que nesse sentido contractarmos.

Referindo-nos agora à colonização portuguesa, assunto que deverá merecer a maior atenção e carinho por parte dos governos da metrópole e de Angola, fixaremos o princípio bem importante de que o número de colonos portugueses em Angola, deverá ser sempre muito superior ao de estrangeiros, os quais nunca convém que excedam 25% do total da população branca.

Igualmente devem ser exclusivamente reservadas aos colonos portugueses as melhores terras, situadas nos pontos mais salubres e dispostas de mais fáceis e rápidas vias de comunicação.

Mas a remessa de emigrantes portugueses para Angola não mais poderá ser feita nas tristíssimas condições que já relatamos. É indispensável que o Estado organisse essa emigração em bases capazes de a tornar eficiente e preste ao colono uma completa assistência material, até que ele esteja em condições de, por si só, singrar na vida colonial a que se votou.

Essa assistência, que é absolutamente indispensável, não se resume na concessão de terras. Ela traduz-se na satisfação das necessidades primordiais do homem: alimentação e habitação; nas necessidades consequentes; meios, acção e condições de trabalho; e, finalmente, nas necessidades de estímulo: propriedade da terra, riqueza proveniente da sua exploração.

A todas essas necessidades deve o Estado atender para que a emigração resulte economicamente produtiva, para que o país colha dela os necessários frutos.

Não há, porém, na complicada máquina administrativa do Estado, serviços montados em condições de organizarem a emigração e de lhe prestarem a assistência que precisamos.

Há, por isso, necessidade de criarmos um or-

ganismo autónomo, constituído por pessoal idoneo, que poderia denominar-se «*Serviço de Colonização de Angola*» ao qual seria entregue a missão de preparar, organizar, financiar e fiscalizar toda a colonização a fazer em Angola.

Para poder cumprir o seu papel teria o Serviço de Colonização de Angola (que por simplificação indicaremos apenas pelas iniciais S. C. A.) que dispôr de um capital importante, capaz de com ele preparar toda a vasta e dispendiosa organização que precisa de dar à colonização, e de prestar a assistência material a que aludimos.

Esse capital só o poderia obter por meio de um empréstimo em ouro, lançado pelo governo da metrópole, ao juro de 7 a 8%, também pago em ouro. Para fazer face aos encargos desse empréstimo a Metrópole votaria anualmente nos seu orçamento uma verba fixa, de igual modo devendo proceder o governo de Angola; a esses recursos juntar-se-iam os obtidos pelo S. C. A., quer pelo reembolso de valores mutuados, a crédito, aos colonos, quer pelo producto de concessões feitas a quaisquer empresas estrangeiras, dentro da área destinada ao mesmo S. C. A.

Uma vez na posse do capital necessário e determinada a área de terras destinadas à colonização e que, por um acto especial, passavam à posse do S. C. A., este, aproveitando os próprios serviços do Estado, procederia à constituição dos lotes de terra, à sua demarcação e adaptação; faria construir habitações ligeiras mas saudáveis, para os futuros colonos, empregando nisso os degredados e os indígenas e aproveitando os materiais da província; servindo-se dos agrónomos, dos veterinários, dos médicos, etc. do Estado, procederia à salubridade de toda a área destinada ao estabelecimento das colónias, procederia às captações e canalisações d'água necessária ao consumo normal e à irrigação das terras, estabeleceria comunicações fáceis com as vias férreas e com a rede de estradas, determinaria as espécies de cultura a fazer, em harmonia com as condições do solo; estabeleceria aquelas espécies de animais que convinha criar, quer para a alimentação quer para trabalho. Adquiriria as alfaias e ferramentas necessárias para distribuir ao colonos e as sementes que os mesmos deveriam lançar à terra; criaria secções de crédito, aonde os colonos pudessem recorrer para as suas necessidades; montaria armazéns de abastecimento que fornecessem aos colonos os géneros e os artigos de consumo usual por preço razoável e criaria mercados onde, mais tarde, os colonos pudessem ir vender os seus produtos, quer aos comerciantes que ali acudissem, quer ao próprio S. C. A., que os adquiriria para depois os vender de sua conta.

O S. C. A. completaria a sua missão, proporcionando aos colonos meios de tornarem a vida fácil e agradável, quer levando até aos seus centros de população notícias constantes de todo o mundo, por meio de jornais e de cinematógrafo, quer criando-lhes o gosto pela habitação confortável, alegre, limpa, quer ainda fornecendo-lhes meios de se instruírem, como escolas para eles e para os seus filhos.

E num espírito superior de transigência e de respeito pelas crenças dos outros, permitiria que, dentro das colónias, as missões religiosas portuguesas exercessem livremente a sua acção catequizadora, podendo mesmo prestar-lhes auxílio para obviar as dificuldades que porventura pudessem alterar a boa ordem e a harmonia de conjunto que deve reinar nas colónias estabelecidas.

Eis expostas de uma maneira sucinta, mas leal e desassomburada, meia dúzia de ideias sobre colonização, sugeridas pela experiência do tempo que vivemos em Angola, e pelo estudo do que por toda a parte se faz, em matéria de colonização.

Possivelmente outras fórmulas de colonização se poderiam adoptar; mas, dada a necessidade urgente de povarmos Angola e de fazermos uma exuberante e rápida exploração económica do seu solo, quer-nos parecer que só os nossos alvitres conseguem atingir tal desideratum.

Deixamos Angola no estado actual de abandono é que chega a ser criminoso, se não significa inconsciência dos perigos que nos rodeiam.

Capitão VIRGILIO PEREIRA DA COSTA.

PORTUGAL CATÓLICO

O CONGRESSO MARIANO, EM BRAGA



As três altas figuras da Igreja que presidiram aos trabalhos do Congresso: ao sr. Cardeal Patriarca, tendo a direita o sr. Nuncio Apostólico e à esquerda o sr. Arcebispo de Braga

BRAGA, a vetusta cidade dos Arcebispos, revestiu-se de galas esplendorosas para celebrar o Congresso Mariano Nacional. A trasbordar de fiéis, ali acorridos de todos os pontos do país, ela foi bem, nesses derradeiros dias de maio, mês que o calendário cristão consagra a Maria, a doce Mãe de Jesus, aquilo que já toda a gente a considera — a Lourdes portuguesa.

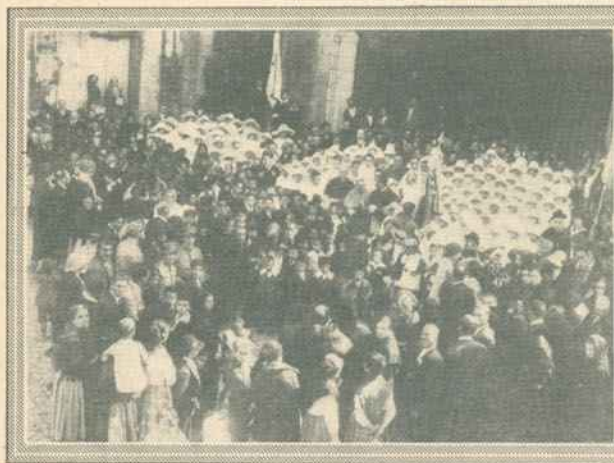
O Congresso constituiu uma elevada manifestação de Fé, impondo-se pela compostura e pelo fundo espírito de piedade que caracterizaram todos os seus actos.



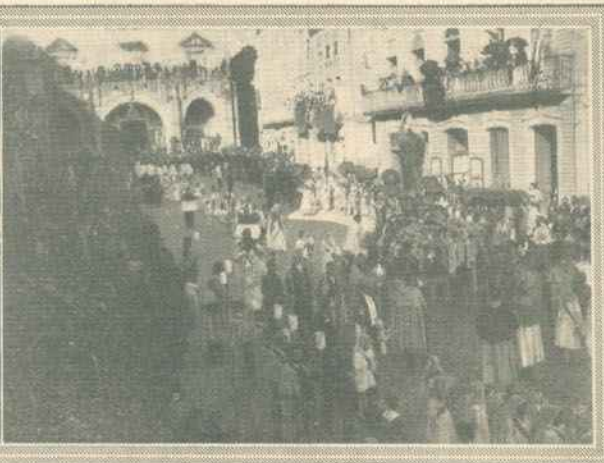
No Teatro-Circo: aspecto da assistência à primeira sessão do Congresso



Grupo de altos prelados e mais figuras do clero que tomaram parte nos trabalhos do Congresso. Ao centro, os srs. Cardeal Patriarca e Nuncio Apostólico



Grupo de crianças que receberam a primeira comunhão na Sé Primaz, vendo-se no meio delas o Prelado que procedeu à cerimónia



A procissão da Virgem do Sameiro, saindo do templo da Sé



Aspecto da exposição de arte religiosa, realizada pelo sr. Panzeres, hábil escultor na velha cidade brácarense



A peregrinação ao Monte do Sameiro, passando na rua de D. Pedro



A imagem da Virgem do Sameiro, exposta à veneração dos fiéis na Igreja de S. Vitor

Luzidos cortejos, como essa deslumbrante procissão das velas, em que se incorporaram cerca de 30.000 pessoas, as missas solenes nas Basílicas e as missas campais, os cânticos re-

passados de simples beleza religiosa que os peregrinos entoaram a caminho do Sameiro, além do valor, quer católico quer social, das teses apresentadas nas sessões do Congresso, — im-

primiram a este um relevo notável, de que muito justamente se pode orgulhar a velha cidade do norte, verdadeira metrópole da Grença portuguesa.



A formosa Basílica e a bela estátua da Virgem do Sameiro

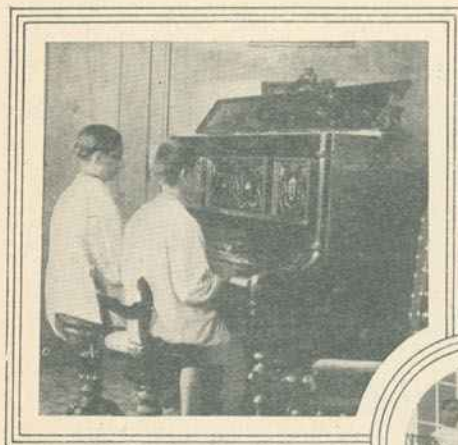


S. Eminência o Cardeal Patriarca e o sr. Arcebispo de Braga assistindo à missa campal celebrada no Monte do Sameiro



Uma figura típica das romarias do norte: o vendedor da limonada fresca...

OS CÉGUINHOS DE BRANCO RODRIGUES



rectamente, como eu presenciiei, um trecho do *Retrato de Ricardina*, mas na serenidade, a boa disposição moral de que se acham possuídos. E é nisto que a obra do senhor Branco Rodrigues se me afigura singularmente bela: não os instrui, apenas, formalhes uma alma com um *hábitat*, permita-se-me o termo, que os satisfaz. Talvez até que alguns sejam mais felizes do que



SÔBRE a enseada azul dos Estoris, numa casa de pequeno vulto, um homem que tem a magreza e tez embaciada dos ascetas, levemente curvado, desta curvatura simpática dos santos-homens de Anatole — o senhor Branco Rodrigues — entrega-se desde 1889 à tarefa messiânica de dar vista aos cegos.

Não a vista óptica, certamente, que não pratica este filantropo a arte mágica das cirurgias, mas a vista espiritual, a segunda vista, tornando-os uteis neste mundo atulhado de inúteis e alargando e enriquecendo o palácio interior, plantado em plena noite, em que andam encarcerados.

Ali, em face do infinito mar, tão deslumbrante que só não ofusca os que nasceram com gota serena na alma, elevou por seu esforço, pedra a pedra, o senhor Branco Rodrigue a mansão carinhosa. Basta penetrar os umbrais para sentir o ambiente de família e de boa ternura cristã que ali reina. Modesto tudo, mas tão asseiadinho, escarolado e branco, parece que estão, umas após outras, a romper ali auroras. Com efeito, naquele mundo de tristes, tudo se nos mostra alegre. Até os próprios olhos fechados dos cegos, ou as suas órbitas rolando mortas e fitando-nos desvaídradas, perderam aquele estigma que torna tão miserandos esses outros cegos que andam de pedintes pelos caminhos e pelas romarias. E o milagre, o grande milagre está menos em lerem tão cor-



nós que temos a faculdade de ver a vida tanto na sua face prazenteira como sinistra. E, de facto, alguns ceguinhos, não mais altos que uma bengala, riem e folgam como vitelos no prado; um d'êles canta as cantigas dos zagais e toda a

sua fisionomia se enche do grande sol dos montes; um outro, que lê e escreve o francês tão proficientemente como um catedrático, tem um ar de suficiência, de amor-próprio, dignos dum membro da Academia. Canta-se, solfeja-se, faz-se música; saem lufadas musicais por todas as janelas. Aquilo não é um hospício de cegos, é um grande ninho de pássaros.

Esta casa é pequena para a obra que se realiza lá dentro. E pequena, para que possa realizar a missão humanitária a que desde o início o seu fundador a destinou.

E preciso aumentá-la, dilatá-la pelos terrenos livres que a ladeiam. Mas como realizar a ampliação necessária sem capitais? O Estado é pobre e vê-se assoberbado por uma pavorosa crise financeira.

Acudam-lhe as boas almas, os que têm sobejos na sua economia, aqueles que têm o sentimento da humanidade sofredora.

Os ditosos da vida, os que sentem o encanto das manhãs puríssimas e a melancolia do sol-pôr, que têm o dom inapreciável de mergulhar seus olhos em olhos amados, de mãe ou noiva, de admirar as maravilhas da criação, reparem naquela casinha solitária à beira da estrada, sobre o mar, e deem, deem o óbulo, que todas as suas riquezas hão de crescer, multiplicar-se fabulosamente na terra e no céu.

AQUILINO RIBEIRO.



P A S S A T E M P O

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do 11.º número)

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| G | I | Z | | | |
| I | T | U | | | |
| Z | U | A | V | O | |
| | | V | I | R | |
| | | O | R | D | E |
| | | | | E | T |
| | | | | M | A |
| | | | | E | |

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo)

| | | | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|--|--|
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| C | I | I | I | I |
| D | D | D | E | E |
| A | A | A | A | N |
| L | L | O | O | O |
| O | R | R | X | S |

Definições:

Herói dum poema. — Usa-se quando se cose.
 — Divisão de tempo. — Tipo de mulher. — Estou alegre. — Corrente de água. — Preposição e artigo. — Interjeição brasileira que denota ironia.

- Serafim! O Serafim! acorda!
- Não posso.
- Porque é que não podes?
- Porque não estou a dormir.

- Papá o que é delicadeza?
- Delicadeza é a arte de esconder dos outros o que se pensa d'êles.

AS OITO DAMAS

(Problema)

Trata-se de colocar oito pedras num tabuleiro de damas de tal forma que se não encontrem

duas na mesma linha, quer vertical, horizontal ou diagonalmente.

Tem, é claro, de se empregar tanto os quadrados brancos como os pretos.

Helena: — Não se falou em que a Estêla ia casar com um marquês?

Cloilde: — Falou; mas, sabes, o marquês é que não lhe falou a ela nisso.

A mãe (para a filha): — As pessoas bem educadas não bocejam, minha filha.

A filha: — Ó mamã, mas as pessoas bem educadas também não nótam certas coisas.

O professor: — Ora, dize-me cá, Chico, para onde vão os rapazes maus, que não vão à igreja ao domingo?

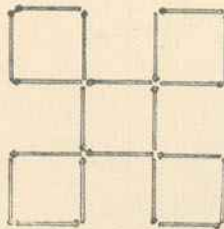
O Chico: — Vão jogar o foot-ball.

OUTRA PACIÊNCIA

COM FÓSFOROS

(Solução)

Pelo diagrama junto logo se vê quais os fósforos que se tiraram e que foram colocados no



vamente no canto inferior da direita, formando assim os cinco quadrados completos que se exigiam.

- A tia: — Gostaste do livro que te mandei como presente de anos?
- O sobrinho: — Ainda não lhe peguei.
- Ora essa! Então porquê?
- Porque a mamã disse-me que não lhe pegasse sem lavar as mãos primeiro.

UMA FAÇANHA CUSTOSA

- Eu posso deixar de fumar quando quiser.
- Ora, o deixar é fácil. O querer é que é mais difícil de levar a efeito.



Hilda: — Quando o Gustavo foi para me dar um beijo, fiquei tão sobressaltada que quasi...
 Sarah: — Quasi o quê?
 Hilda: — Quasi o não deixava dar-mo.

NÚMERO DESCONHECIDO

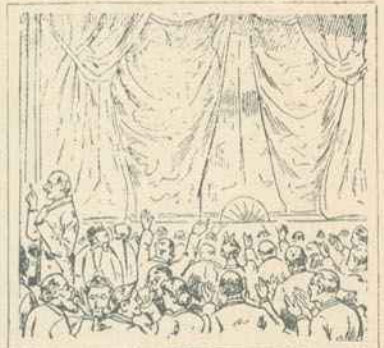
Alyaro: — Quais são os anos que tu consideras os melhores da vida de uma mulher?

Rodolfo: — Parece-me serem os primeiros cinco em que ela tem dezoito.

MELHOR OU PIOR

— E como vai o seu marido, sr.ª Catarina? — perguntava uma vizinha a uma mulher cujo marido era um permanente inválido.

— Ora, umas vezes está melhor e outras pior — respondeu ela. — Mas pela forma por que rubuja e se impacienta quando está melhor, parece-me que está melhor quando está pior.



Tudo grita pelo autor. E ele está cumprimentando, mas aonde?

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

OBRAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA DURANTE O MÊS DE MAIO DE 1926

LITERATURA

ARDEL (HENRI). — *A Alvorada* (Romance). Trad. de Vasco Rodrigues. — 312 p., 8.º — 10\$00.

BALMEÃO (JAIME DE). — *Memórias sem fim de um homem sem nome*. — 205 p., 8.º — 10\$00.

BLASCO IBANEZ (V.). — *A Cathedral*. Trad. de Vasco Valdez. 3.ª ed., 2 vol., 8.º — 8\$00.

BLASCO (MERCEDÉS). — *Adão e a sua costela*. Crônicas, 132 p., 8.º — 10\$00.

BOURGET (PAUL). — *Hilda Campbell*. (L'écuyère). Versão portuguesa de Carlos Santos. 392 p., 8.º — 10\$00.

BRAGAÇA CUNHA (VICENTE DE). — *Literatura indo-portuguesa*. Figuras e factos, 82 p., 4.º

CAMPEFRANC (M. DU). — *Amor de mãe*. Romance. Trad. de Cortez Marques. 313 p., 8.º — 10\$00.

CAMPUS LIMA. — *A Cella dos pobres*. Contraste à *Cella dos Cardiais*. (Episódio dramático em verso). 3.ª ed., 79 p., 8.º — 2\$00.

CARDOSO (NUNO CATARINO). — *Poetas satíricos, moralistas e parodistas e românticos e ultra-românticos*. 96 p., 8.º — 8\$00.

CARTELO BRANCO (CAMILLO). — *A Filha do Arcadiao*. Romance. 7.ª ed., 273 p., 8.º — 7\$50.

CARTELO BRANCO (CAMILLO). — *Dispersos de Camillo*. Compilação e notas de Júlio Dias da Costa. Vol. III — Crônicas 1857-1885. — VII, 529 p., 8.º — 2\$500.

COSTA (HENRIQUE). — *Terra mater*. Crônicas, 127 p., 8.º — 5\$00.

DELLY (N.). — *Almas Torturadas*. Romance. Trad. de Sousa Martins. 241 p., 8.º — 10\$00.

DELLY (M.). — *Uma mulher sedutora*. Trad. de Manuel de Melo. 2.ª ed., 319 p., 8.º — 10\$00.

FABIA (GUILHERME DE). — *Saudade minha*. Versos, 87 p., 8.º — 8\$00.

FERRERIA (CARLSANO). — *O Osculo da Patria*. Alocução patriótica aos sobre-viventes de 19 de Abril. 8 p., 3\$00.

FORJAZ DE SAMPAIO (ALBINO). — *Ex-Libris*. (Coleção Patricia) 16 p., 2\$50.

GUERBA (OLIVA). — *Encantamento*. Versos, 2.ª ed., 132 p., 8.º — 10\$00.

INVERNIZO (CAROLINA). — *O gênio do mal*. Romance, 167 p., 8.º e capa II. — 1\$00.

JUEL. — *Cartas confidenciais sobre o casamento*, 55 p., 8.º

KOPPE (MANUEL). — *No Sertão de Africa*. Contos tradicionais indígenas, 131 p., 6\$00.

LEBICE (ENA). — *Gláucia, a escrava grega*. Trad. do inglês por G. L. Santos Ferreira. Nova ed., 229 p., 8.º

MACEDO LOPES (FERNANDO DE). — *O Limbo de Pedro Ivo*, 204 p., 8.º — 10\$00.

MENEZES (LUBOVICO DE). — *No mundo dos insectos*. Narrativas para adultos e para crianças. I — 48 p., 8.º — 3\$00.

NUNES (JOÃO JOAQUIM), prefaciador e comentador. — *Cantigas de amor dos trovadores galego-portugueses*. Ed. crítica acompanhada de introdução, comentário, variante e glossário. Vol. II (Texto), 471 p., 8.º — 13\$00.

ORNET (JONHE). — *Sérgio Panine*. Romance. Trad. de Henrique Marques Junior, 214 p., 8.º e capa II.

OLIVEIRA GUIMARÃES (LUIS DE). — *Cabelos cortados*. Diálogos, 95 p., 8.º e capa II. — 5\$00.

PACHECO MOREIRA (ANTONIO), prefaciador e compilador. — *Cancioneiro da Virgem*, 192 p., 8.º — 10\$00.

PREIXO (ABRÃO). — *Paginas escolhidas*, 388 p., 8.º e o retr. do autor — 10\$00.

QUENTAL (ANTONIO DE). — *Zara*. Versos, 2.ª ed. poliglota, 91 p., 8.º

RAPOSO (HIDOLTO). — *Amã a Kalunga* (Os filhos do mar), 245 p., 8.º — 10\$00.

RENE (JULIETA). — *O novo correio dos amantes*, 29 p., 8.º — 1\$00.

RIBEIRO ALVES JUNIOR (JOSE). — *Sacrificio inútil*. Tentativa dramática em 3 actos, 71 p., 8.º — 3\$00.

RICHMOND (OSCAR). — *Os Crimes do Mascara Negra*. Romance, 240 p., 8.º e capa II. — 5\$00.

SACRAMENTO MONTEIRO. — *Carnaval dos meus sentidos*, Versos, 138 p., 8.º e capa II. — 12\$50.

SANTA-RITA (AUGUSTO). — *Coco-ro-co!*. Contos infantis. Ilustrações de Eduardo Malta, 35 p., 3\$00.

SOUZA COSTA (EMÍLIA DE). — *No tempo em que tudo falava*. (Contos portugueses e brasileiros). Ilustrações de Rocha Vieira, 2.ª ed., 79 p., 8.º — 5\$00.

TEIXEIRA (MARIA VITÓRIA). — *Ecos da Tebaida*, 134 p., 8.º

VALSARDINA (FREDERICO CESAR DE). — *Amor e bom humor*. Versos, 2.ª ed., 63 p., 8.º — 3\$00.

VICENTE (GU.). — *Auto da alma*, 6.ª ed. (v.ª em separado das «Obras de devotação»). Com um prefácio, notas e glossário, por Augusto C. Pires de Lima, 78 p., 8.º

VITORINO (VIRGINIA). — *Reminisc. Sanctos*, 3.ª ed., 90 p., 8.º

ZEVACO (MICHEL). — *A Torre de Nesle ou Os Amores de Margarida de Borgonha*. Trad. de Maria Lúcia. (Capa de Alfredo Morais), 2 vol., 8.º — 9\$00.

CIÊNCIAS E ARTES

ALMEIDA (PROF. TIAGO DE). — *Evolução da clinica médica na Escola do Porto de 1825 a 1925*. 1.º centenário da Régia Escola de Cirurgia do Porto, 134 p., 8.º

ANTUNES AMOR (MANUEL). — *Cartilha moderna. Método logográfico analítico-sintético de ensino inicial educativo*. 1.ª parte (método), 68 p., 8.º e grav.

BALLEST (CARL.). — *Manual de exortia*. Ilustrado com 60 grav. 4.ª ed., 168 p., 8.º — 5\$00.

REVISTAS

Se o momento actual da nossa livraria é plerótico de volumes da mais variada matéria, no que respeita a revistas idêntica abundância se nota, como se conclui da relação seguinte, que compreende assuntos dos mais diversos:

- ACÇÃO CATÓLICA.
- ALMA NOVA.
- AMIGO DA INFANCIA.
- ANALIS DAS BIBLIOTECAS E ARQUIVOS.
- AUTO.
- BIBLIOGRÁFICA (A).
- BIBLOS.
- BROTÉRIA.
- CETÓBRIGA.
- CONTEMPORANEA, de que appareceu agora o n.º 1 da 3.ª série, votada à propaganda do estreitamento das relações ibero-americanas, e marcando pelo bom-gosto da sua execução gráfica.
- CULTURA.
- ECOS DOS SPORTS.
- EDUCAÇÃO SOCIAL.
- GUERRA (A).
- LABOR.
- LISBOA MÉDICA.
- LUSITANIA.
- MÉDICOS PORTUGUESES.
- NAÇÃO PORTUGUESA.
- PORTUGALIA.
- RECONQUISTA (A).
- RENOVAÇÃO.
- REVISTA AERONAUTICA.
- REVISTA DE GUIMARÃES.
- REVISTA DE HISTÓRIA.
- REVISTA DO COMÉRCIO E CONTABILIDADE.
- REVISTA DOS TRIBUNAIS.
- REVISTA ESCOLAR.
- REVISTA ILUSTRADA DE TODOS OS SPORTS.
- REVISTA VINICOLA PORTUGUESA.
- SCIÊNCIA E INDÚSTRIA.
- SIARA NOVA.
- TERRA ALENTEJANA.
- VASCO DA GAMA.
- VIDA ELEGANTE.

COIMBRA (LEONARDO). — *O Problema da educação nacional* 50 p., 8.º

J. P. — *Nogões gerais de hygiene*, 48 p., 8.º — 1\$50.

LAMBACHE (C. DU). — *O Leite e seus productos*, 4.ª ed. — 167 p., 8.º — 5\$00.

LOPES MARTINS (DR.). — *A Evolução do ensino da hygiene na Escola do Porto nos ultimos cem anos*, 107 p., 4.º

NOTAS e observações sobre a pesca do bacalhau. Relatório do comandante do cruzador «Arvalho Arriano», sobre a comissão desempenhada por este navio nos bancos da Terra Nova em 1923, 27 p., 8.º

PIRES DE LIMA (AMÉRICO). — *Helioterapia artificial*. Principios do método — Resultados clinicos, 15 p.

RENE (JULIETA). — *Viagens e pesadelos ou a Maneira de explicar os sonhos segundo o método de S. Cipriano*, 37 p., 8.º — 1\$00.

RITA MARTINS (A.). — *A Agua veneno*. (A acção da água do Gerez), 116 p., 8.º e capa II. — 10\$00.

ROCHA PEREIRA (PROF.). — *Noticia historica da cadeira de patologia medica*, 71 p., 8.º

RODRIGUES (ENGENHEIRO THEÓFILO). — *Um método novo para o cálculo da distribuição das armaduras transversais nas peças de cimento armado*, 13 p.

VIEIRA DE SÁ (MÁRIO). — *As vacas leiteiras*, 2.ª ed., 343 p., 8.º e grav. — 8\$00.

XAVIER DE PAIVA (JOÃO). — *Compêndio de topografia*, 2.ª ed., 136 p., 8.º

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

AGOSTINHO (JOSE). — *Historia de Portugal desde 1820 até 1910*, 622 p., 8.º e 3\$500.

CORREIA (ALBERTO C. GERMANO S.). — *India portuguesa*. (Fisiografia e clima), 337 p., 8.º

GRANER (AMÁVEL). — *Faéetas de Angola*. Crônicas, 301 p., 8.º — 10\$00.

MENDES (VITOR). — *Moura, terra de lenda e turismo*, 16 p., 8.º e grav.

NOSOLINI (JOSE). — *Abd-el-Krim*. Crônicas de Marrocos, 173 p., 8.º e est. — 7\$50.

OLIVEIRA MARTINS (J. P.). — *Os Filhos de D. João I*, 5.ª col., 488 p., 8.º e grav. — 18\$00.

VILA NOVA (BERNARDO). — *Guia de Alcobaca*, 34 p., 8.º e grav. — 2\$00.

RELIGIÕES

ALVES CORREIA (P. Y.). — *Cantai ao Senhor / orações e cantos da Igreja*, 372 p., 8.º — 12\$50.

E. D. M. — *As maravilhas da missa*, 127 p., 8.º

FREITAS BARROS (P.). — *Manual completo do Santo Sacrificio da Missa* (para todos os dias do ano), 343-406 p., 16.º

HOMILIAS para todos os domingos e festas principais do ano litúrgico, 250 p., 8.º

NEVES (GONÇALO JOÃO AUGUSTO). — *Discursos sacros*, 173 p., 8.º e o retr. do autor.

BELAS ARTES

Foz (MARQUÊS DA). — *A Baixela «Germanis da antiga corte portuguesa*, 60 p., 8.º e est. — 15\$00.

SCIÊNCIAS CIVIS

ALMEIDA (JOSE DE). — *Estudos comparativos sobre bens alemães*, 16 p.

ANUARIO Commercial de Portugal, 1926, 2 vol., 8.º — 250\$00.

CARRAL CAETANO (ANTONIO) e FERNANDES NUNES (JOSE FELIX). — *Endereços telegraphicos de Portugal e colonias*, 2.ª ed., 184 p., 8.º — 20\$00.

COSTA GERAL da Administração Financeira do Estado da metrop. Gerência de 1916-1917, vol. I, 1444 p., 8.º

DECRETO n.º 11020 e respectivo regulamento dos meios de salvagem a bordo, 48 p., 8.º

ESPEREQUEDA GOMES PINTO (ERNESTO). — *O Regime monetario de Moçambique e os seus efectos na economia daquella provincia*, 47 p., 8.º

ESTATISTICA do movimento fisiologico da população de Portugal. Ano de 1920, 240 p., 8.º

GUERRAL (A.). — *Fillogia do direito*. Trad. de Sousa Costa 2.ª ed., 503 p., 8.º — 12\$00.

ÍNDICE do comércio e da industria de Portugal. Edição de 1926, 1129 p., 8.º

LIGIACÃO relativa ao Estado da India. Vol. XXIV. — XXI, 41, XIX, p., 8.º

LENCASTRE (PINDO). — *Manual do contribuinte de 1926*, 387 p., 8.º — 20\$00.

LISTE da corps diplomatique accrédite a Lisbonne, 1926, 38 p.

MONTEIRO (ABELL). — *O Regime total no direito romano seguido da tutela e da curatela*, 16 p.

PAIVA COELHO (HENRIQUE DE). — *Carta aberta aos meus amigos e compatriotas*, 82 p., 8.º — 3\$00.

PITA (BARCOSA L.). — *A Igreja e o Estado ou a liberdade em perigo?*, 15 p.

PRAZERES DA COSTA (J. M. L.). — *Bases orgánicas da administração civil e financeira das colonias*, 48 p., 8.º

QUADROS dos liceus do continente e ilhas e mapas anexos. — 32 p.

RODRIGUES ABAGÃO (PROF.). — *Soluções práticas da politica nacional ou o Estado federativo*, 219 p., 8.º — 6\$00.

SOUZA (ALBANO DE). — *Aspectos da nossa actual situação economica*. Conferência, 43 p., 8.º

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente todas as informações das consultas bibliográficas que lhes sejam feitas



Os PRODUTOS MARYA são os preferidos por tôdas as senhoras, porque são os unicos nacionais que desafiam a concorrência dos estrangeiros.

CRIAÇÕES DA:
Perfumaria da Moda

5, RUA DO CARMO, 7
LISBOA



AGUA DE COLONIA MARYA

EGUAL AS MELHORES MARCAS INGLESAS

PERFUMARIA ELITE — PRODUTOS DE BELEZA

CABELEIREIRO PARA SENHORAS (pelos ultimos figurinos)



MANUCURE

Teléfono: 148 TRINDADE

LARGO DO CALHARIZ, 18 (Palacio Azambuja)

Cytogenol



Emprega-se contra a anemia e a neurastenia, combatendo tambem a dorose e evitando a propria tuberculose, porque restaura todo o organismo.

Dá novas forças, restitui a saúde, a alegria e o bem-estar

À venda na
FARMACIA POMBEIRO
R de Cedofeita, II-PORTO

DERMI-CURA

pomada heroica contra herpes, impingens, coceira, sarna, prurido e todas as doenças de pele.

Caixa, 6\$00

FARMACIA POMBEIRO
11, Rua da Cedofeita — PORTO

DEPOSITARIOS EM LISBOA:

AZEVEDO, IRMÃO & VEIGA

24, Rua do Mundo

FARMACIA AZEVEDO, FILHOS

31, Praça de D. Pedro IV

**REBELLO
DE ANDRADE & ALCOBIA^{1.ª}
LARGO DO CARMO 15
LISBÔA**

CONSTRUÇÕES DECORAÇÕES MOBILIÁRIO

**PROJECTOS
DE
ARQUITECTURA**

**ARTIGOS
DE
DECORAÇÃO**

JOALHARIA DO CARMO

J O I A S

P R E S E N T E S



E

P A R A

P R A T A S

A N I V E R S A R I O S



E

A R T Í S T I C A S

C A S A M E N T O S

SÉDE NO PORTO: RUA 31 DE JANEIRO, 53

TELE { GRAMAS: AUREARTE
FONE: 1160

FILIAL EM LISBOA: RUA DO CARMO, 87-B

TELE { GRAMAS: AUREARTE
FONE: N. 1360

Veramon



**acalma
as dores.**

Veramon *Schering* em comprimidos

é o melhor remédio contra todas as espécies de dores principalmente da cabeça e dos dentes. Não ataca o coração. Não causa sono. Encontra-se em todas as farmácias e drogas.

AUTOMÓVEIS

SALMSON

Torpedo SALMSON 7 H. P. de 4 lugares, com travões ás 4 rodas, chassis de pontas reforçado de quadro fechado, com molas inteiras á frente e meia-cantélever atrás.

Motor monobloco de 4 cilindros, com $62 \frac{m}{m}$ de alesage e $90 \frac{m}{m}$ de course, cilindrada 1086^{cmc.} e valvulas colocadas na parte superior comandadas por colbuteurs.

5 RODAS, CALÇADAS COM PNEUS CONFORT 715×115

CONTA-QUILOMETROS, RELOGIO, AMORTISSEURS, MI-SE-EN-MARCHE E ILUMINAÇÃO ELECTRICA.

SALMSON 7 H. P. O carro mais economico.

6 LITROS DE GAZOLINA E 100 GRAMAS D'OLEO AOS 100 QUILOMETROS.

SALMSON 7 H. P. o carro mais rapido do mundo na sua categoria.

ARPAJON em 11 de Outubro de 1925, Record do mundo do quilometro lançado, a 182 QUILOMETROS 232 METROS Á HORA.

S. SEBASTIAN em Setembro de 1925 — Primeiro premio do Circuto em estrada de 531 quilometros, com a media fantastica de 100 quilometros á hora.

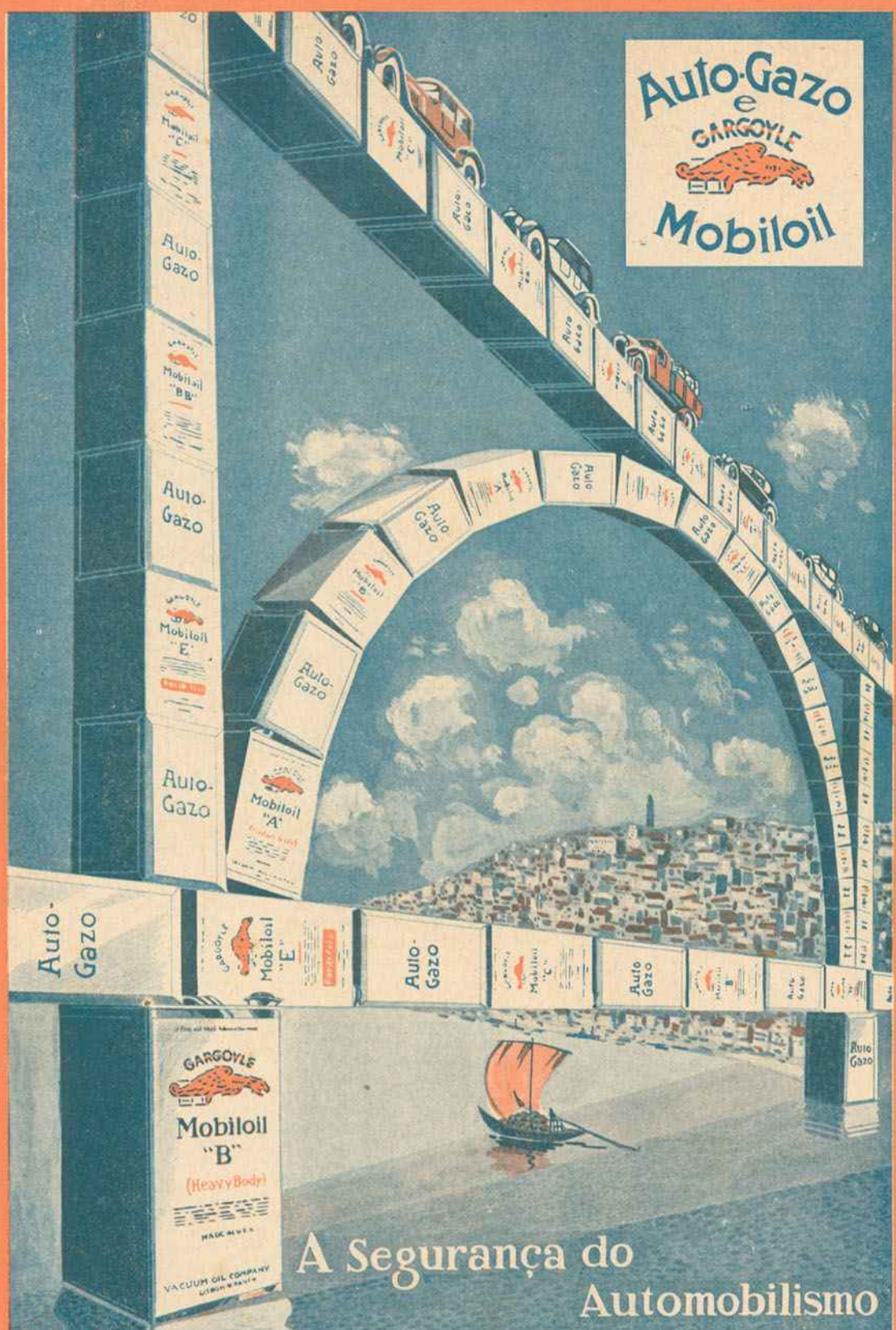
Unicos concessionários para Portugal e Colónias

ARMANDO CRESPO & C.^A

Rua do Crucifixo, 118 a 124

LISBOA

Auto-Gazo
e
GARGOYLE
Mobiloil



A Segurança do
Automobilismo

VACUUM OIL COMPANY

GARGOYLE
Mobiloil
"B"
(Heavy Body)
MAGIC MIX
VACUUM OIL COMPANY
LUBRIFICANTES